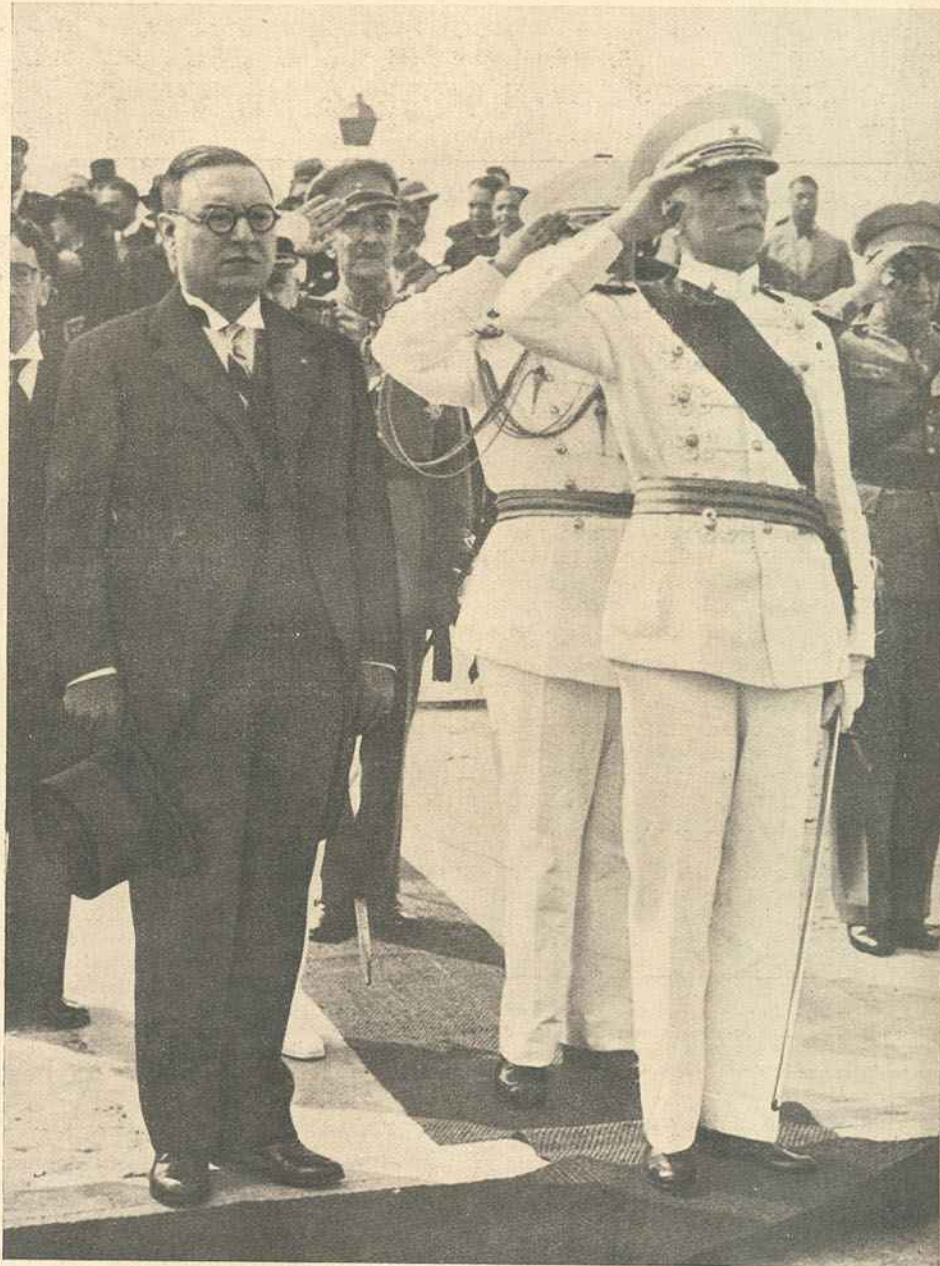


Opus 4 de 1938

ILUSTRAÇÃO



CONTINÊNCIA AO IMPÉRIO
(Sua Ex.^{ta} o Senhor Presidente da República em Angola)

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

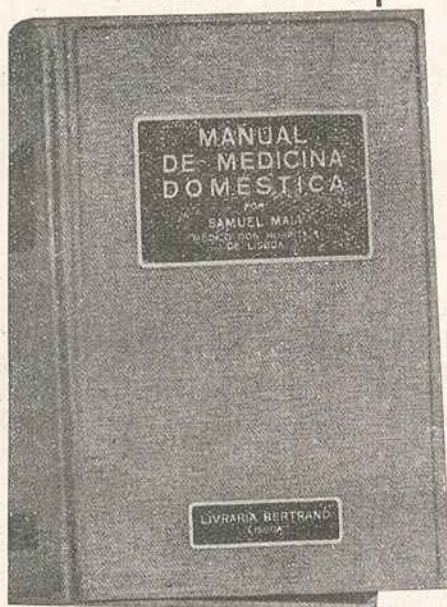
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1. vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** -- 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: **ARTHUR BRANDÃO**

Editor: **José Júlio da Fonseca**

Propriedade da **Livraria Bertrand (S. A. R. L.)**

Composto e impresso na **IMPRESSA PORTUGAL-BRASIL** - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Administração: **Rua Anchieta, 31, 1.** - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone **2 1368**

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica

l'm unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado **15\$00**

Pelo correio à cobrança **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone **2 2074**

UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destinada a grande successo

Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO (PADRE DAMIÃO)

Por **PIERRE CROIDYS**

SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO

Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. **12\$00**

Pelo correio à cobrança Esc. **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**



**Elasticidade
significa bem estar**

Este artista precisa de ótica disposição física e psíquica para exercer a sua profissão. Para combater as dores usará, como todos, a



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE XENOFONTE

Trad. e prefácio de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 352 págs., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 2.^a EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

EDIFICAÇÕES

Pelo Eng.^o **JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO**

Sumário: O projecto de uma casa — Distribuição interna das habitações — Ordens arquitectónicas — Arcadas, pórticos, frontões. etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. Esc. 17\$00
Pelo correio, à cobrança Esc. 19\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

RECREAÇÕES FILOLÓGICAS

POR **JORGE DAUPIÁS**

1 vol. de 316 págs., broch. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 3.^a EDIÇÃO CORRIGIDA DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel **MOUSINHO DE ALBUQUERQUE**

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

N.º 805 - 18.º ANO
1-SETEMBRO-1988

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O CAMPO E A PRAIA



Entramos no mês de Setembro, a quadra tradicional das manhãs frescas mas serenas e dos dias luminosos e tépidos.

Mais trinta dias de férias — para quem puder gozá-las! — que devem ser aproveitadas condignamente, visto espreitar-

-nos ao longe o taciturno Outubro com as suas impertinências e fadigas.

Agosto passou tão rapidamente, que quasi se não deu por isso...

Assim é a vida descuidada e cheia de atractivos e confortos. Por muito longa que seja, sempre parece curta ao feliz

mortal que a vive. Quando surge a morte, é sempre uma surpresa, uma desagradável surpresa...

Aproveitemos, portanto, a vida. Façamo-la render.

Após a praia, o campo, onde nos esperam as vindimas com os seus encantos.

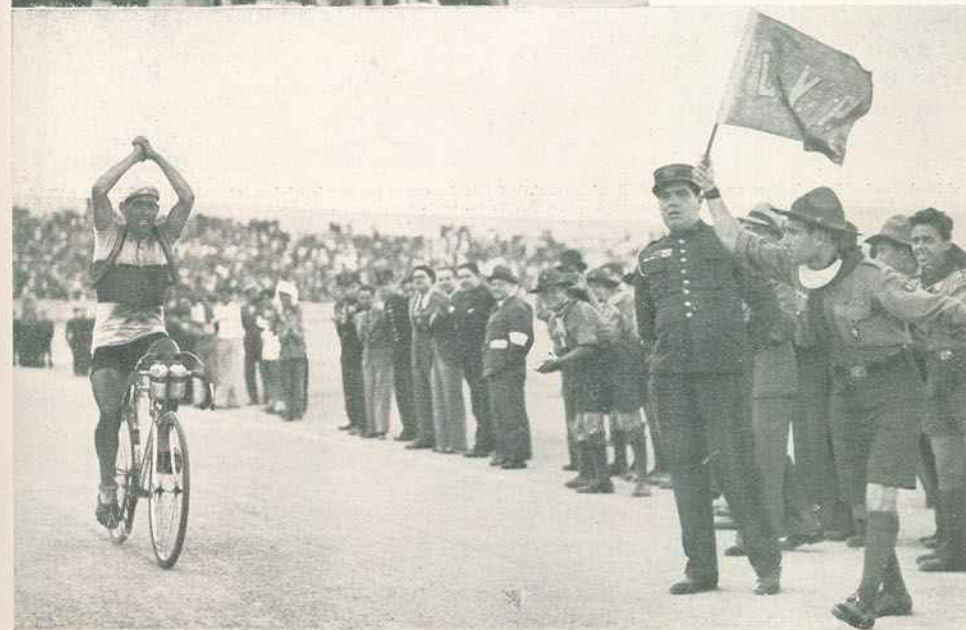
Seguindo a VII volta a Portugal em bicicleta



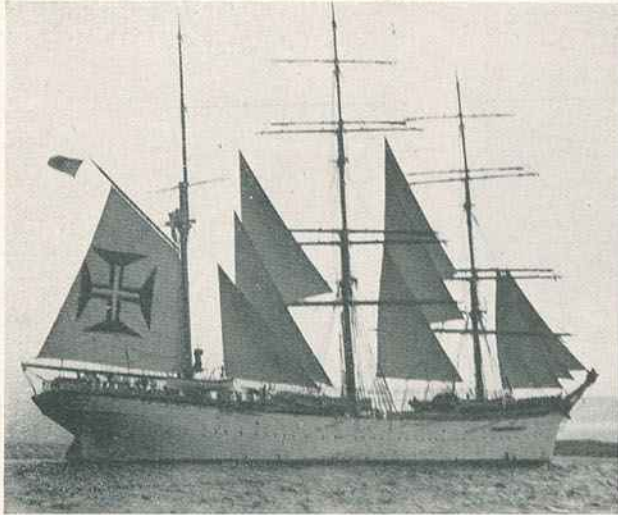
Em cima: José Albuquerque e Aguiar Martins seguem isolados a caminho de Castro Daire. A' direita os corredores partem de Viseu por entre filas compactas de povo. Em baixo: Os ciclistas numa íngreme subida na serra do Marão



Em cima: José Albuquerque primeiro classificado. Ao lado: o popular Faísca corta a meta na última etapa com a bicicleta à mão. Em baixo: César Luiz, o vencedor da última tirada, agradece os aplausos do público



ACTUALIDADES DA QUINZENA



O navio-escola «Sagres» deixando o Tejo para um cruzeiro de instrução no Atlântico, levando a bordo legionários da Brigada Naval. — *A' direita*: O hidro-avião «Lientenant de Vaisseau Paris», amarrado em frente da Cova da Piedade, e que vai estabelecer a primeira ligação comercial aérea entre a França e os Estados Unidos



A visita do comissário nacional ao acampamento da Escola Central de Graduados que se encontra instalada na cêrca da Casa Pia. Foram realizadas, nessa altura interessantíssimas demonstrações de tática militar e desportivas. O sr. engenheiro Nobre Guedes declarou-se plenamente satisfeito por tudo o que presenciou



Sócias do Ginásio Feminino de Portugal e as filhas do comandante do «Carvalho Araujo», com o galhardete da sua agremiação desportiva momentos antes da partida para a viagem pela Madeira e Açores. — *A' direita*: Grupo de charadistas tertulianos que no dia 7 do corrente se reuniram na Trafaria festejando num almoço de confraternização o 16.º aniversário da fundação da associação a que pertencem a Tertúlia Edípica

GRANDES PROVAS INTERNACIONAIS DE TIRO AOS POMBOS EM S. PEDRO DO ESTORIL



Em cima, à direita: Tavares Valente e Abílio Santos, vencedores (ex-aequo) do «Grande Prémio do Estoril». — *À esquerda:* Grupo de atiradores do Club de Caçadores do Pôrto. — *Ao centro:* Os classificados no Grande Campeonato do Sul, a contar da esquerda: Melo Osório, Tavares Valente, dr. Manuel de Carvalho, Manuel Padeira Júnior, Moura Bastos (1.º classificado), Francisco Silveira, António Padeira, Jorge Nunes e Manuel Seixas. — *Em baixo:* Grupo de concorrentes à «Prova para senhoras», da esquerda para a direita: D. Maria Octávia Raposo (2.º classificada), D. Maria Assunção Burnay, D. Maria Bramão (1.º classificada), Mademoiselle Burnay, D. Beatriz Nunes de Freitas e D. Maria Lina Machado de Oliveira Carvalho





O Presidente Benčík, vem-se o nosso colaborador Armando de Aguiar, aguardando o momento de o entrevistar

QUANDO, em 1932, visitei pela primeira vez a Checoslováquia, fiquei com a impressão de me encontrar perante um povo forte, unido, et pluribus unum, disposto a todos os sacrifícios com o fim de manter bem íntegra e coesa a grande união nacional, indispensável a uma vida livre no seio da turbulenta Europa Central. Era então presidente desta jovem República o sábio professor Tomáš Masaryk e o seu altíssimo prestígio nos meios internacionais e a verdadeira idolatria que lhe consagrava o povo, tornavam inexpugnáveis as fronteiras firmadas pelo tratado de Versaíles. Havia, porém, dois factores que deixavam os checoslovacos dormir descansados. A Áustria, eterna inimiga da Boémia, arrastava uma existência precária, sem condições de vida, atormentada por mil problemas insolúveis, o principal dos quais era o económico. Reduzida a uma pequena parcela do antigo e poderoso império dos Habsburgos, deixáta de ser o pesadão do povo checoslovaco durante tantos séculos sujeito a uma soberania aviltante, para se tornar num pequeno estado sem condições de vida, paupérrimo, ameaçado constantemente pela pressão germanófila que lhe corroía, vagarosa mas persistentemente as entranhas, para a devorar no momento oportuno.

Por outro lado a Alemanha democrática de Hindenburgo e Brüning, avil-

tada pelo tratado de paz que os aliados lhe impuzeram e amarrada às assinaturas dos seus plenipotenciários, continuava a ser, 14 anos após a Grande Guerra, uma nação sem o equilíbrio indispensável para uma vida desafogada, sem nacionalismos, nem preocupações de absorção. Chegava-lhe e sobejava-lhe a sua casa. A constituição de Weimer era um padrão inglório sim, mas que satisfazia, parcialmente, as ambições dos menos exaltados. E carpiam lágrimas de sangue os bons alemães do tempo do Império.

O aparecimento do ardoroso chefe Adolfo Hitler veio despertar as energias adormecidas, e, simultaneamente, agitar certos problemas esquecidos nas gavetas das chancelarias consideradas insolúveis. Um movimento de galvanização agitou o povo germânico, desde a Prússia Oriental aos Alpes bávaros. A série de acontecimentos, todos eles victoriosos, de que a Alemanha tem sido palco desde os fins de 1932, culminou, ainda recentemente com o Anschluss. Nesse instante um pesadão surgiu para a Checoslováquia, pela voz do chefe sudeta Konrad Henlein e há três meses que Praga e Berlim se esforçam por demonstrar ao mundo pertencer a cada uma delas a solução dum acontecimento que está preocupando a velha Europa e que pode ser a faúlha que provoque a explosão do barril de pólvora sobre o qual dormem, romanticamente, velhos pacifistas gastos e desusados...

A Checoslováquia confiada no espírito do tratado que lhe deu forma jurídica e lhe limitou as fronteiras, guardada, serenamente, que sobre o momento problema que absorve as clarividentes inteligências dos mais sagazes estadistas, se faça luz e seja, definitivamente arrumado a seu favor, a questão dos sudetas que Henlein soube agitar na hora própria. E só ao espírito decidido e à vontade firme da Inglaterra, deve a velha Europa não se encontrar hoje a braços com mais uma guerra na qual, a posição das potências que se bateram em 1914, não seria certamente a mesma...

Ao movimento dos sudetas alemães responde a Checoslováquia com uma serenidade, uma prudência e uma calma que não exclui firmeza. Antes pelo contrário.

Em mais duma ocasião o governo de Praga tem afirmado, sem hesitações, que está disposto a defender a terra sagrada da Boémia, da Morávia, da Eslováquia, da Silésia e da Rússia Sub-Carpática

Na penumbra do estádio, a coroação iluminada do Checoslováquia

NO CORAÇÃO DA EUROPA

O patriotismo da Checoslováquia

Como defenderá a sua independência

com o mesmo denodo e heroísmo que em plena guerra o hipotético governo de Masaryk, instalado em Paris, empregou na defesa da independência. A fulminante vitória de Hitler na Áustria animou o chefe Henlein a tentar, num golpe de audácia, uma situação idêntica à que Seyss-Inquart alcançou sobre o orgulhoso Schusgnig, guindado hoje a martir nacional, a quem a Áustria deve única e exclusivamente a perda da sua independência.

O povo checoslovaco, aquele que constituiu a parte representativa da nobre Boémia e da Eslováquia, juntamente com os das outras três províncias, soube, no momento grave, colocar acima dos interesses dos partidos e dos regionalismos doentios, os altos interesses da pátria imortal de Jean Huss e de S. Wenceslau.

Silenciosamente preparou-se para resistir ao primeiro embate. O exército recolheu a quartéis e a mobilização geral chegou a ser determinada para uma certa hora. O respectivo decreto esteve assinado. Com duas forças poderosas conta a Checoslováquia para a defesa da integridade das suas fronteiras. O exército, homogêneo, disciplinado, fisicamente bem preparado e admiravelmente armado, e os sokols, atletas na mais rigorosa significação da palavra, em quem a Pátria, a tradição e a honra checoslovaca confiam para o sacrifício final.

Esses homens de aço temperados nas mais duras provações, séculos de captivo, são o penhor securíssimo da imortalidade dum pátria de grandes guerreiros, de santos e poetas, artistas e pensadores. O Congresso dos Sokols em Julho último, foi a mais eloquente demonstração da vitalidade dum povo, que tem orgulho na sua história. Ele afirmou a confiança nos destinos da Pátria florescente e civilizada. Nele os sokols provaram ser os mesmos homens que se bateram, como os mais bravos, ao lado das bandeiras aliadas, nas diversas frentes onde a Europa sangrava. E afirmaram, sem jactância, mas também sem hesitações, que na hora de verdadeiro perigo a Pátria pode inteiramente confiar nos seus músculos de aço, porque eles mesmo são os músculos da Checoslováquia. A grande nação de Masaryk, o filósofo consagrado pelo povo inteiro; de Eduardo Benés, seu companheiro de luta e de glória e de Stefanik, o formidável organizador das legiões checas, que vive ainda neste momento uma hora grave, sairá vencedora da prova a que tem sido rudemente submetida. Assim o desejam os homens quem está entregue a solução do intricado caso; e assim o querem os 800 mil sokols quando na tarde radiosa de 6 de Julho, espalha-

DA EUROPA

se for necessário recopier às armas

dos pelas cinco províncias, repetiram, à mesma hora, o juramento sagrado dos 28 mil sokols que ocupavam totalmente o estádio Masaryk, em Praga.

O que foi esse espectáculo de rara beleza e extraordinário significado cívico, dá-lo melhor do que todas as palavras, uma das fotografias que ilustra este despretencioso artigo. Mas de maior efeito moral foi, incontestavelmente, a prova que se tirou desse momento, quando a nação inteira com os olhos postos no seu mais alto magistrado, aguardava que ele pronunciasse a palavra de Paz, que o povo checo sinceramente defende, deseja e quere...

Perto, de mim na tribuna de honra do estádio de Praga, Eduardo Benés, Hodza e Krofta, estes dois últimos, respectivamente, presidente de Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros, rodeados pelos representantes diplomáticos e militares da Jugoslávia e Roménia, com os "falçoes", seguiam vivamente interessados a execução rigorosa, homogênea, sem um deslize, da massa humana que a seus pés maravilhava a assistência com a perfeição dos seus movimentos físicos. E sentiram, mais do que os jornalistas estrangeiros que ali se encontravam, a verdade da sua força, quando 260 aviões toldaram o céu e as forças motorizadas ligeiras realizaram os mais arriscados exercícios de preparação bélica.

O X Congresso dos Sokols coincidiu com a celebração do 20.º aniversário da Independência. Hábilmente os dirigentes desta grandiosa manifestação incluíram entre os extraordinários exercícios a que me referi no número anterior da "Ilustração", um espectáculo alusivo aos vários incidentes que, por mais duma vez, têm posto em perigo as fronteiras. Dêles tirou proveitosas lições e ofereceu, simultaneamente, uma ocasião para que o Mundo inteiro se capacitasse do valor do povo checoslovaco e do seu respeito pela tradição.

Em plena noite, no campo do estádio, são traçadas as linhas da fronteira. Em sua volta, homens e mulheres representando os povos das cinco províncias, trabalham pacificamente, fecundando a terra num afa de Progresso e Paz.

Ao centro desse minúsculo país que nossos olhos abrangem dum golpe, ergue-se uma torre e no alto um coração gigantesco bate compassadamente. É o coração da Europa. Sente-se a pulsação certa, cadenciada, daquele órgão vital dum corpo enorme que é o Velho Mun-

do. Uma voz repete, a cada momento, fragmentos da obra de Tyrs; citações patrióticas, humanas, fraternas. Duzentos mil espectadores seguem emocionados o desenrolar do espectáculo. De súbito um T aparece no meio do coração. É uma simbólica alusão ao fundador dos Sokols, ao homem que deu novas energias a um povo que nunca descreu na hora da libertação.

Na penumbra do estádio o coração iluminado bate, alegremente, ao ritmo dum alegria cheia de mocidade e de vida. Uma fogueira ergue para o céu as suas línguas de fogo e em sua volta ajoelham homens, velhos e crianças trajando rigoroso luto. Corre o período de 1861 a 1916, quando a Checoslováquia não é mais do que uma província do poderoso império austro-húngaro. Chegam os libertadores da Boémia, da Morávia, da Silésia, da Eslováquia e da Rússia Sub-Carpática. Constitui-se o novo estado da Europa Central, mas logo rebenta a primeira guerra. Aproximam-se da fronteira forças inimigas armadas de obuses gigantescos, carros de aspecto estranho, homens de rostos ferozes que ameaçam a todo o momento o país que foi pátria de S. Wenceslau. E quando a vitória parece certa aos invasores, surgem os sokols que formam uma barreira obrigando os assaltantes a recuar.

Neste momento chegou a ocasião de recordar que logo a seguir ao Armistício os checoslovacos tiveram de sustentar uma guerra heroica contra a Hungria, quando neste país se tinha implantado a república bolchevista de Bella-Kun. Este primeiro acto deve aludir a essa campanha, a essa bela página de defesa das instituições conservadoras do ocidente, que se ficou devendo à Checoslováquia.

Mas voltemos ao espectáculo anunciado no programa sob o tema "Edificar e Defender" com libreto do dr. Jan Malik e música de J. Kricka.

Falhada a primeira investida armada, o inimigo volta ao ataque dissimulado, com péshinhos de lá... Vem transformado em mercador, com carros e carros ajoujados de tudo quanto o luxo oriental é pródigo, com o objectivo de demoralizar um povo que só tem como única riqueza a união e o amor pátrio.

Novamente os sokols aparecem com

Acidade de Tetschen na região dos sudetas, sobre o rio Elbu, e fronteira n. Rodenbaci



A casa de Tyrs, sede central dos Sokols, em Praga. No primeiro plano, a estátua de Tyrs

a sua moral cristã, os seus conselhos práticos e desmascaram, sem piedade, os aventureiros que acabam por se reventar.

Reina finalmente a paz e a abastança. Trabalham as oficinas ao ritmo compassado de poderosas máquinas. As camponesas, com os seus trajes regionais, cuidam das sementeiras e do... amor... Há cantigas alegres; o badalar de sinos no alto dos campanários... Uma sensação de paz, tranquilidade e harmonia.

O coração de Tyrs no alto bate sem pressa, com regularidade. Realizam-se, periodicamente, os diversos congressos dos Sokols... E surge o terceiro período da vida daquele povo, que decorre de 1920 a 1938.

De súbito há uma nova tentativa de absorção. Gente inimiga armada até aos dentes aproxima-se a marchas forçadas da fronteira, transportando canhões monstruosos e tanques de formidável potência.

Há quem julgue que a Pátria vai vacilar, correr sangue, perder a independência...

O exército prepara-se para a luta. E sob a influência dos sokols e ao lado deste exército da ordem — como a Legião Portuguesa, — ergue-se uma barreira impenetrável em face da qual se quebra o ímpeto do inimigo.

O espectáculo, dum impressionante grandeza, termina com uma apoteose à vitória, e o juramento de defenderem a imortal pátria de Masaryk.

Praga, Julho.

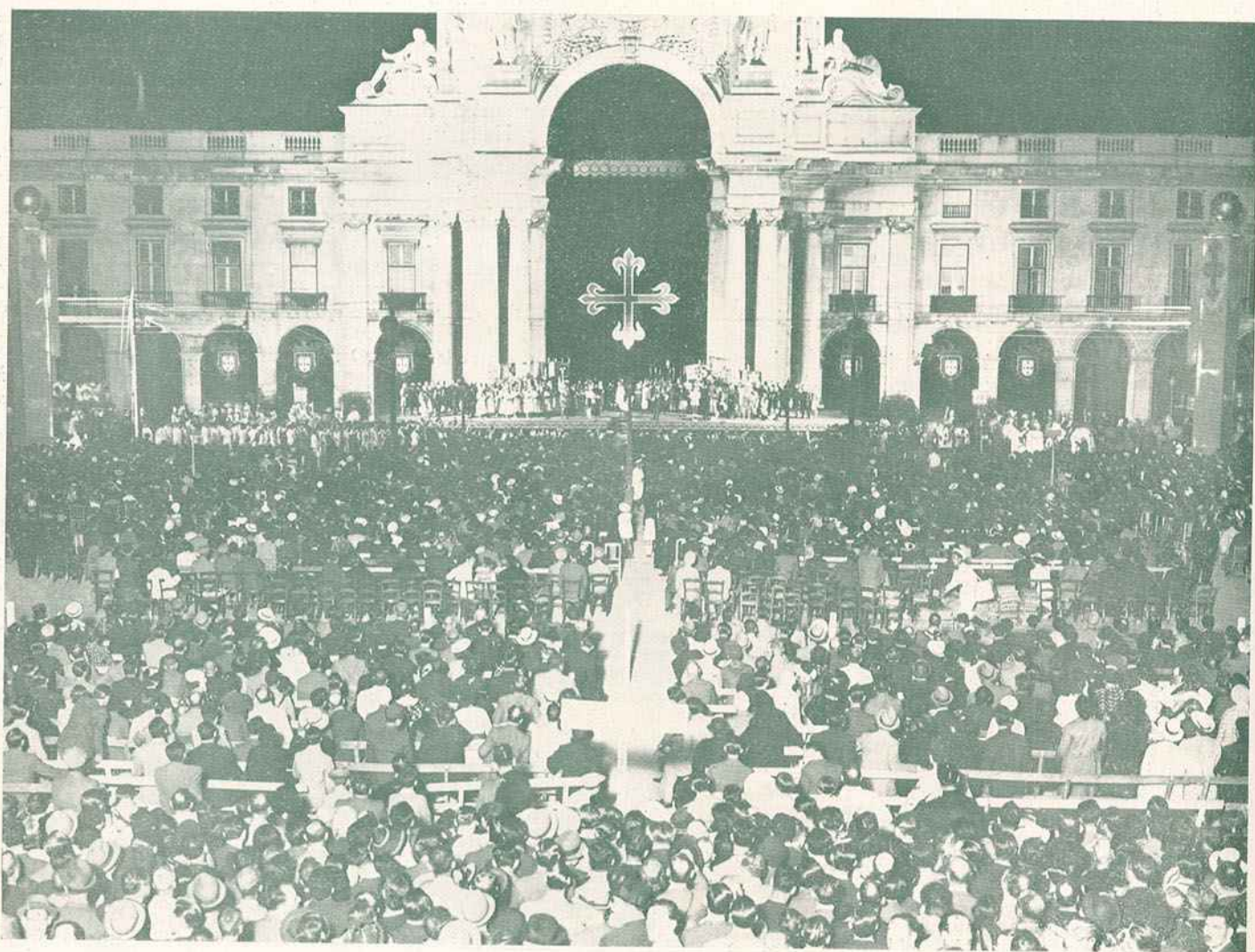
ARMANDO DE AGUIAR.



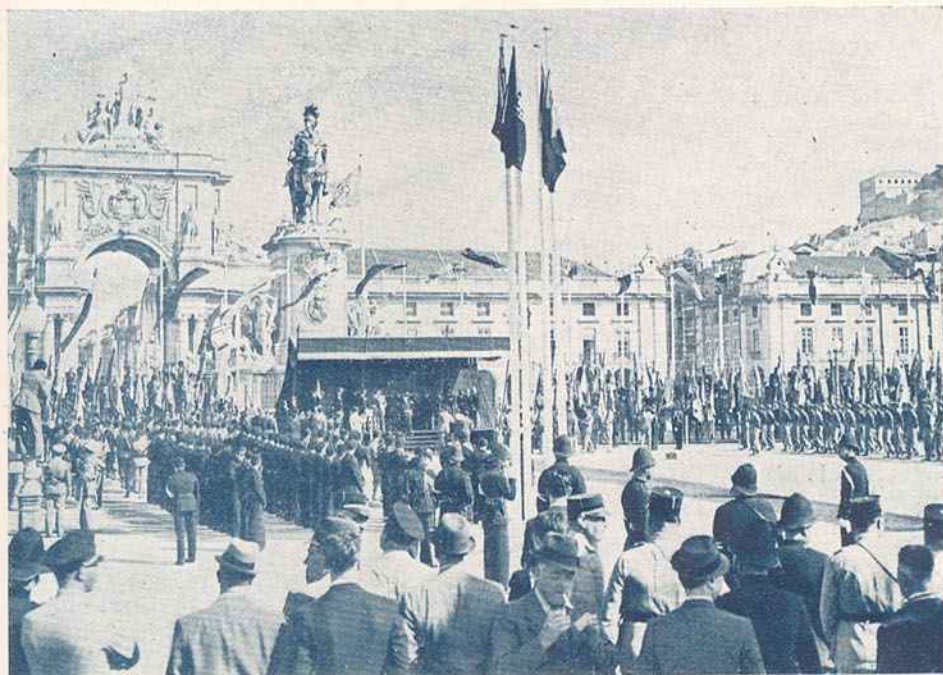
Aniversário de Aljubarrota



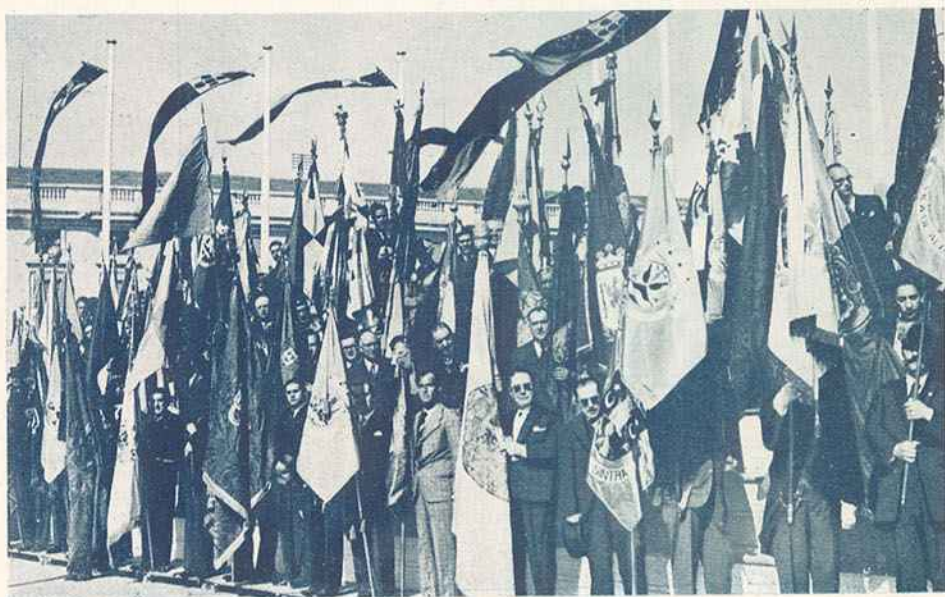
O palco improvisado no Arco da Rua Augusta para representação do «Auto de Aljubarrota». Ao fundo uma cortina de veludo carmezim no fundo qual verteja a Cruz de Aviz. — *A' direita:* Um trecho da assistência. — *Em baixo:* Um aspecto da representação do «Auto de Aljubarrota», no Terreiro do Paço, que foi presenciado por mais de vinte mil pessoas



O regresso do Chefe do Estado



No seu regresso a Lisboa, o sr. Presidente da República recebeu as mais entusiásticas homenagens de milhares de pessoas de todas as categorias sociais que assim patentearam a sua gratidão pela triunfal jornada através das províncias do Império. — *Em cima, à esquerda:* Um aspecto da Praça do Comércio no momento em que o Chefe do Estado recebia os cumprimentos na tribuna. — *A' direita:* O sr. Presidente do Conselho cumprimentando o Chefe do Estado



A' entrada dos Jerónimos, antes do *Te Deum*, o Chefe do Estado apresenta cumprimentos ao sr. Cardinal Patriarca. — *Ao centro, à direita:* O sr. general Carmona desembarcando no Cais das Colunas. — *Em baixo:* Os representantes das Câmaras Municipais com os seus estandartes, aguardam a chegada do sr. Presidente da República



A leitura de alguns versículos do "Ezodo" depois da refeição

aqueles que os alemães têm escrito depois da marcha sobre o oeste, isto é, depois do *Anschluss*. Violação total das leis, da propriedade, da fortuna, da vida humana, de tudo o que constitui sentido humanitário ou hierárquico, a invasão da Áustria pela Alemanha, da Áustria fidelíssima, pacífica e mártir, seguida da glorificação do assassino do Chanceler Dollfuss e do massacre dos judeus e católicos, representa um exemplo degradante e vexatório para a humanidade inteira.

Ninguém, absolutamente ninguém, a não ser os intoxicados, tal como o *self-appointed* general Hermann Goering, cuja psicose o levou a desenhar e a criar um guarda-roupa especial e a exibir as mais disparatadas e grotescas fardas, poderá concordar com o que se passa na Alemanha e na Áustria, com a glorificação do assassínio de Dollfuss, figura querida da Igreja católica que o nazismo trucidou, ou com as perseguições aos católicos e aos judeus, unidos hoje pelo mesmo clima de desgraça, de intolerância e de infelicidade. (Declaração de Goering em 1933: "Je ne laisserai pas grandir les taupes noires"; palavras de Goebbels, em Essen: "les catholiques veulent nous enlever la jeunesse et reconquérir une influence politique."); "Les taupes noires", de Goering, são os padres católicos...

Todos sabem que o bom povo alemão e a totalidade dos austríacos não concordam com a acção dos dirigentes do III Reich, ("nous connaissons le système de la Gestapo"), e a ausência de alegria que o estrangeiro verifica nas ruas de Berlim, nos cafés, nos restaurantes, em todos

TORNOU-SE insustentável a situação dos judeus austríacos. As célebres leis de Nuremberg, índice da brutalidade ancestral de um povo, condenadas e combatidas enérgicamente por Sua Santidade Pio XI, grandiosa figura do atribulado momento europeu, têm sido aplicadas na Áustria com uma severidade espantosa, e melanciosa; com uma serenidade criminosa e premeditada que atinge requintes inéditos de selvajaria.

Na história da Europa e do Mundo não existem páginas tão dolorosas como



Um novo imperador da Palestina que não pode dizer que regressa à sua pátria. Atravessou o mundo inteiro, sofreu perseguições e insultos, enquanto espalhava bênçãos e benefícios. Tudo suportou com uma resignação de santo. Constituirá o seu nome em seu nome, sem um queixume, satisfação com o seu consciência. Permanecerá puro. As grandes becatinhas, os horrores lançados sobre a Terra não o desviaram do seu dever nem da sua fé inabalável. E assim regressará ao ato de Abraão

Católicos e judeus na velha Áustria

O significado do Mito do Século XX

os recintos públicos, é altamente significativa, sintomática, traduz bem o mal-estar que se adivinha no sub-solo, na alma doente da verdadeira Alemanha, da grande Alemanha.

O povo alemão sente que os dirigentes do nazismo conduzem a sua pátria para um beco sem saída, para a mais perigosa das aventuras, para o grande desvairo.

Os depoimentos honestos, publicados por escritores que recentemente visitaram a Alemanha ou a Áustria, concordam inteiramente com as minhas palavras. "Le spectacle de cinq années de pouvoir hitlérien permet en toute sûreté de conclure que le seul front de résistance contre la dictature qui ait tenu, a été le front invisible des âmes". (Vid. "Catholiques d'Allemagne", por Robert D'Harcourt, Paris, 1938).

Berlim monumental e alegre, feliz e individualista, modificou-se totalmente com o advento do nazismo. Berlim sofre, todas as cidades da Alemanha sofrem; Viena é moralmente uma cidade em ruínas.

Adivinha-se o espanto, o medo, o terror no rosto de todos os austríacos.

A afluência às igrejas é significativa. Receosos do dia de amanhã, do futuro que os espera, a morte talvez, os católicos convertem-se em massa (40.000 nas últimas semanas) ou recolhem-se na quietude e na paz dos templos, implorando a Deus o repouso, a tranquilidade e a segurança das próprias vidas.

Só os escribas pagos e acarinados pelo III Reich, imbuídos de espírito pagão, deslumbrados com o fácil deslocamento das grandes massas, ou com o sentido humorístico das paradas a passo de ganso, dizem o contrário e sentem-se na obrigação de satisfazer, em linhas ócas de sentido humano e cristão, atraídoando ou almeitando a própria consciência, as benesses e os favores recebidos.

Esses almocreves são irmãos gêmeos daqueles que visitam a Rússia Vermelha, a sôldo de Stalin, e contam depois, ocultando a verdade patente a todos os olhos, as maravilhas de um regime feroz, cujos adeptos vivem, equilibrando-se, entre a miséria e as prisões sinistras da *Guelphou*.

Na Alemanha, e na Áustria, cujo símbolo é idêntico ao da foice e do martelo — ambos os símbolos perseguem Deus e os seus fiéis —, sucede o mesmo: perseguições em massa, concentrações monstrosas, ausência dos principais alimentos, ataque à fortuna privada, assalto aos conventos, com a cena das pobres freiras a ocultar metralhadoras e granadas de mão, glorificação de assassínios, privação de

tôdas as liberdades individuais, falsas confissões obtidas por processos inquisitórios, bispos e rabinos, entre baionetas, gritando pela T. S. F. que o povo é feliz e vive satisfeito com as brutalidades nazis. Tal como na Rússia Vermelha, sem tirar nem pôr!

Façamos todos, católicos e judeus, adeptos do Velho e Novo Testamentos,



Alma errante, mas estorva

a frente comum das almas, a frente das almas contra Stalin e os dirigentes do nazismo, recitando bem alto o versículo de Job: "Troçaram de mim pigmeus cujos pais não serviriam para cuidar dos cães das minhas ovelhas".

Todos os dirigentes do nazismo, todos, Adolfo Hitler, Alfredo Rosenberg, Artur Dinter, Goebbels, e a totalidade dos oficiais menores, combatem o catolicismo, o Vaticano e os judeus.

Os chefes do nazismo não acreditam num Deus sobrenatural e na universalidade do cristianismo: pretendem um Deus alemão, um cristianismo alemão, uma igreja alemã.

A-pesar-da Concordata, todos os dias citada e violada, Adolfo Hitler proclamou que o nazismo significa a luta aberta contra Judá e Roma, contra o Velho e o Novo Testamentos, "este grosseira falsificação do Velho, embaúdo do espírito judaico", do clima judaico, da vontade judaica, da astúcia judaica.

O livro do escritor menor Alfredo Rosenberg, *O Mito do Século XX*, novo testamento do nazismo, salvo da vala comum

do esquecimento pelas tropas de assalto, é, todo êle, um grosseiro ataque ao catolicismo e a Roma. Podem os escribas a sôldo do III Reich dizer o contrário: o livro aí está, à venda em tôdas as livrarias, a afirmar, a atestar as minhas palavras.

Adolfo Hitler concordou o livro de Rosenberg com estas palavras dogmáticas: "o livro mais notável dos tempos modernos" (!).

Grosseiro ataque à Igreja, ao Novo Testamento, "livro infectado pelo espírito do Velho Testamento", Rosenberg não poupa os apóstolos. S. Paulo é o judeu das epístolas; S. Mateus é um doente infectado pelo messianismo.

São de Rosenberg, discípulo mediocre de Houston Stewart Chamberlain e Dietrich Eckart, estas palavras reveladoras: "os meus bacilos produzem a mesma febre". Até sob o ponto de vista científico, Rosenberg revela a mesma ignorância doutrinária...

Outro chefe nazista, Baldour von Schirach, chefe da mocidade nazi, diz não tolerar as imposições da Igreja católica e afasta a mocidade das escolas e dos templos, da ciência e de Deus; Rosenberg e Goebbels, dirigindo-se aos heróicos padres católicos, alcunham-nos de "rats rongeurs minant l'édifice du Reich".

Em 30 de Junho de 1934, mercê da propaganda anti-católica do partido nazi, foi assassinado nas ruas de Berlim o chefe católico Klausener.

Dias depois a *Gestapo* confisca a Carta Pastoral dos Bispos alemães e emite uma Circular, mandando vigiar os católicos. (Ordem N.º 740, Agosto de 1934).

Em Novembro de 1937, um dos chefes nazis proclama que Roma católica é filha de Moscovo e que Pio XI é um instrumento do *Komintern*.

A sereníssima política do Vaticano, de Pio XI mantém-se inalterável: anti-racista, anti-totalitária, defendendo a cada passo a universalidade da pessoa humana, feita à semelhança de Deus.

Apontei rapidamente o que se tem passado com os católicos e qual a política dos principais chefes nazis.

Jacques Maritain, num folheto recente, "Les Juifs parmi les nations", faz uma síntese perfeita dessa política nefasta, dirigida contra a pessoa humana e contra Deus.

No mesmo folheto, Maritain dá o balanço às principais causas do anti-judaísmo, tão feroz como o anti-catolicismo hitleriano.

Façamos, pois, católicos e judeus, preces para que se cumpra a profecia

Vendidos mas não convencidos

Estrangeiros na sua própria pátria



de Pio XI: "Qui frappe le Pape meurt". Kurt Turmer, num recente folheto intitulado, "Hitler contra o Papa", Paris, 1938, transcreve as palavras de Hans Kerrl, Ministro dos Negócios Eclesiásticos do III Reich: "O nacional-socialismo é um movimento essencialmente religioso. Hitler é o traço de união entre Deus e a ordem divina, a realização de Deus na terra. O domínio da Igreja não deve ultrapassar o das discussões bisantinas ou o domínio dos debates dogmáticos".

Estão, pois, alinhados na defeza os adeptos das três grandes forças espirituais da humanidade: cristãos, angélicos e judeus!

AUGUSTO D'ESAQUI



O CAMINHO DA VIDA

O caminho da vida não é para ninguém, estou disso persuadida — e não digo certa para não me dar ares de infalível — uma estrada matisada de rosas.

Mas quem mais sofre com as asperezas da caminhada são aquelas criaturas que tendo no coração fontes de ternura e carinho deixam escorrer êsse bálsamo, noutros corações que supõem iguais ao seu em idealismo e generosidade.

E digo que não há decepção maior do que essa, de nos vermos ludibriados nos nossos juízos, de vermos que não fomos suficientemente inteligentes para descobrir que tudo aquilo que tomávamos por esplendorosa realidade era apenas uma aparência bem grosseira — grosseira por transparente — do lindo panorama que julgamos descortinar no espírito do nosso próximo.

As vezes, temos um lindo sonho, um sonho que gostaríamos de continuar num sono prolongado, e o nosso desgosto é profundo, quando acordamos e vemos tudo tão diferente em nossa volta.

Pois, acordados e bem alerta, também sonhámos muita vez, e quando êsse sonho se quebra — porque quem no-lo fez sonhar dêle não era digno — nosso desencanto é qualquer coisa de muito doloroso.

É uma operação necessária que se im-

caridosamente, julgando-as leais e sinceras e sensíveis a uma terna assistência moral.

■
Onde está um de vocês, leitoras e leitores, que não se tenha deixado enganar por uns olhos que pareciam iluminados por um sentimento nobre, por um sorriso que parecia compassivo para com as vossas dôres?

E notem que as desilusões de que estou falando não são as desilusões dessa coisa a que chamam amor e que é apenas a solicitação mútua dos sentidos dos dois sexos.

Dessas ainda nos podemos curar com força de vontade, pensando em como é ignóbil conservarmo-nos escravos da vil matéria, da lama da nossa carne, nêsses extasis onde não luz uma faixa de idealismo.

O que custa mais é quando no nosso convívio com alguém pensámos estar em contacto com um grande espírito acessível a tôdas as belas manifestações de sentimento, e chegamos á conclusão de que tal não sucede, de que êsses homens ou essas mulheres são do tipo mais corrente da alma humana, e de que nos forjámos ideias preciosas e magnificentes sôbre essas personalidades, unicamente em pura

põe á nossa consciência, uma operação cruel que pretende cortar excrescências parasitas, que se pegaram á nossa alma tão de perto e tão internamente, que ao arrancá-las de lá trazem agarrados farrapos dessa pobre alma que as acolheu perda das nossas ânsias de bondade, e de beleza moral.

O golpe é rude, violento, é como se de repente parássemos de pensar, de viver.

A convalescença é tanto mais demorada, quanto era forte o nosso apego a essa ilusão.

A cura nunca é completa e essas ilusões feridas, sempre mal cicatrizadas, aninham-se num canto do nosso coração, ao lado das novas ilusões que constantemente em nosso peito se erguem e não dão ouvidos aos lamentos das pobrezinhas nem aos seus avisos, porque querem viver a sua vida.

■
E não admira esta reincidência de quimeras, sonhos e ilusões, renascendo sem interrupção das suas próprias cinzas, não admira que os que falharam não influam nas que de novo chegam, que não consigam fazê-los recuar ou, ao menos, torná-los menos crédulos, mais comedidos no seu entusiasmo, menos prontos nos seus juízos, porque êsse defeito é próprio de nós, míseros mortais sequiosos de tôdas as fontes da vida, ainda que de algumas se escape um veneno que nos mate lentamente.

Queremos nós, por acaso, saber dar conselhos aos que chegaram antes, dos que já provaram de todos os manjares, de todos os venenos?

Que nos importa a desgraçada que um infiel abandonou, depois de a ter embalado, com as mais inebriantes melodias do amor?

Queremos lá sequer olhar para as suas faces cavadas pela amargura, queremos lá escutar as suas queixas?

Não? Vamos pelo caminho que ela tomou, ouvimos as mesmas cantigas, sofremos a mesma sedução e caímos no mesmo desencanto.

Ouvimos falar de ingratidão, contam-nos coisas de falsos amigos, mostram-nos almas que apetecia beijar e que eram apenas uma falsificação das almas que imaginávamos, e nós nada, nem sequer paramos.

Continuamos na nossa crença, seguimos admirando essas almas, acarinhando ingratos, até que a claridade que seja tão deslumbrante, que não haja desculpa para a cegueira em que andamos, e tudo se nos mostre, então, de uma nitidez, a cuja verdade não vale fugir, sob pena de passarmos a nós próprios um diploma de estupidez e até de falta de dignidade.

E assim será, pela marcha dos séculos.

No físico, como nos enganamos e desenganamos de alma, os que já muito viveram podem dizer aos que começam a viver:

— Já fui como tu és, e tu serás como eu sou!

MERCEDES BLASCO.



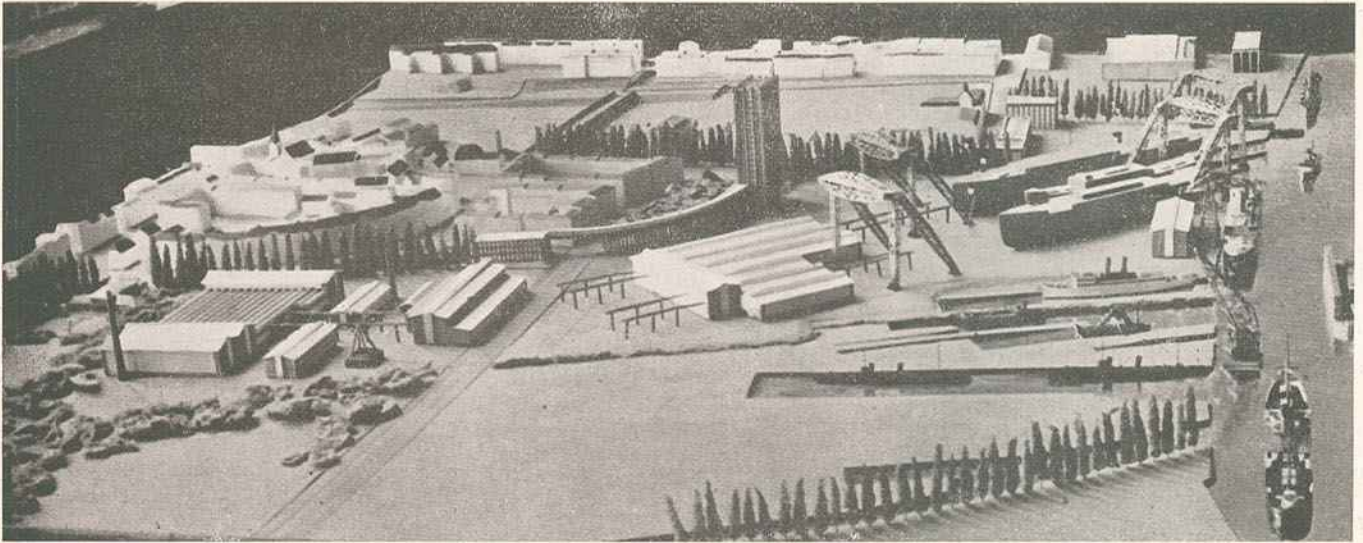
ACTIVIDADES ALEMÃS



O «Super» mais pequeno do mundo que foi exibido na 15.ª Grande Exposição de Rádio alemão em Berlim e é destinado a ser montado nos automóveis,



O novo «Cofre Olímpia» em que estão montados uma antena de quadro e um alto falante dinâmico exibido na Exposição de Rádio em Berlim.



Projecto do novo estaleiro «Vulcano», de Stettin, cuja primeira pedra foi lançada há dias. Este estaleiro havia sido desmantelado por imposição do Tratado de Versalhes. Ali se construíram antes da guerra barcos de grande tonelagem. Agora vai ressurgir, servindo, ao mesmo tempo, de local de instrução para a arquitectura naval alemã.



Debaixo da Potsdamer Platz de Berlim está sendo construída uma nova cidade a uma grande profundidade e que nada terá a recear dos aviões.



Werner Fick eleva-se no seu avião à vela com o qual estabeleceu o novo «récord» mundial de altura (6.500 metros sobre o n.ºvel do mar).



Bombardamento de Changhsien por um avião japonês

O Japão acredita que lhe está confiada uma missão divina para com a humanidade, e se deseja conquistar força e império é com o fim de poder desempenhar a sua missão mais cabalmente.

A sua cruzada na conquista de territórios é essencialmente religiosa e espiritual. Todo o filho do Japão cresce acreditando com todas as fibras do seu coração que: 1.º) o Japão é o único país divino; 2.º) o imperador do Japão é o único imperador divino; 3.º) o povo japonês é o único povo divino e, portanto, o Japão tem de ser o facto que ilumina o mundo. Este orgulho e vaidade levam o Japão à convicção de que foi incumbido pelos poderes celestiais de salvar a Humanidade. "A nossa capital será a capital do mundo e o mundo inteiro será nosso do-



Entrada do templo budista de Uji. O interior deste templo é muito semelhante aos dos antecessores

mito», assim reza uma proclamação do imperador Jimmu, que se calcula ter sido publicada por ele, ao fundar o império nipónico, há 2.600 anos.

O "Expositor militar", que é uma obra pedagógica, em que se estabelece o que devem ser as convicções e ideias militares do japonês, referindo-se à velha proclamação de Jimmu, considera-a como "um legado perpétuo, categórico e imperativo". Quanto ao Japão ser território divino, acreditam os japoneses que os deuses não só criaram as ilhas, que compõem o seu país, mas também que as geraram de si próprios. Os deuses Izamagi e Izanami, tendo-se ligado pelos laços do matrimónio, deram à luz as ilhas nipónicas. As próprias ilhas são entidades divinas, especialmente favorecidas e inteiramente diferentes de outra qualquer porção do globo terrestre.

Os dois cônjuges divinos, que geraram as ilhas, também deram à luz Amaterasu deusa do sol, cujos descendentes são os imperadores do Japão. O primeiro imperador foi a divindade Jimmu Tenno, que fundou a dinastia reinante, que possui a sua genealogia estabelecida com clareza e que é a mais antiga das mortais.

A humanidades respeita a velhice com uma veneração, que se intensifica, quando se trata de uma velhice veneranda e honrada; ora os soberanos japoneses nunca cometeram qualquer acto que ilida aquelas duas qualidades e, portanto, é ilimitada a confiança do povo no seu imperador.

O lugar que os imperadores ocupam nunca foi conquistado pela força; a monarquia desapareceu de quasi todos os países da Europa em consequência de

DAI NIPPON REDENTOR

O IMPÉRIO DO SOL NASCENTE E A SUA MISSÃO SAGRADA

«A nossa capital será a capital do mundo e o mundo inteiro será o seu domínio»

lutas egoístas pela conquista do trono e no Japão nunca houve uma guerra dinástica. A casa reinante permanece a mesma, desde a sua fundação, não por vontade própria, mas porque assim foi determinado pelos deuses, ainda antes de ela ter



Colonas nipónicas avançando sobre Nantao

subido ao trono. Assim raciocina o japonês. O vocábulo "imperador", aplicado ao soberano nipónico, não coincide exactamente com o título, que os seus subditos lhe dão. Estes, quando se referem ao soberano, chamam-lhe "Tenno", que significa "rei celeste", e não deve ser, por forma alguma, classificado a par dos imperadores e reis espalhados pelo mundo. Em todos os documentos, que emanam do Estado, ratifica-se a doutrina de que o soberano é originário das regiões celestes, divino e sagrado; em livros de história, destinados ao ensino oficial; nos livros que contêm instruções para os professores e nos livros de ética para o ensino primário, em todos eles e ainda em outros, se confirma esta doutrina. Assim pregam filósofos, letrados e juriconsultos e os próprios cultores de ideias liberais, educados na Europa, como o escritor político Inazo Nitobe, não há muito falecido, que se refere ao imperador nos seguintes termos: "o representante corporal do céu na terra". Este credo tem-se robustecido nos últimos tempos, ao passo que outras ficções religiosas vão desaparecendo. Em 1935 a teoria recebeu novo reforço na forma de uma comunicação oficial em que o governo mais uma vez recorda, ao povo japonês, que o trono, longe de fazer parte do governo oficial da nação, se mantém, fora dele e acima dele, como autoridade suprema, em virtude dos seus direitos de entidade de origem divina, descendente directo de Amaterasu, deusa

do sol. O carácter divino não se restringe ao país e ao seu soberano; vai mais longe. O próprio povo compartilha do carácter divino; os habitantes primitivos do Japão eram deuses e é deles que descende a raça actual Yamato, "Origem do Sol". Todos os outros mortais pertencem a uma ordem inferior.

O sábio japonês Hirata afirma o seguinte: "A incomensurável superioridade dos japoneses sobre todos os outros povos



Tropas japonesas desembarcando nas margens do Yangtsé

em coragem e inteligência procede da sua origem divina». Um compêndio de história, para o ensino liceal, proclama que "o carácter nacional não tem o seu igual em todo o mundo". Se o Japão foi gerado pelos deuses, se o seu imperador é no planeta o único soberano celeste, se o seu povo é o povo eleito, entre a Humanidade, temos de chegar logicamente à seguinte conclusão: "o Japão foi enviado ao mundo para o salvar e a paz só poderá realizar-se por meio da soberania japonesa".

O Japão considera-se, pois, um agente dos céus e como tal benfeitor e salvador da Humanidade.

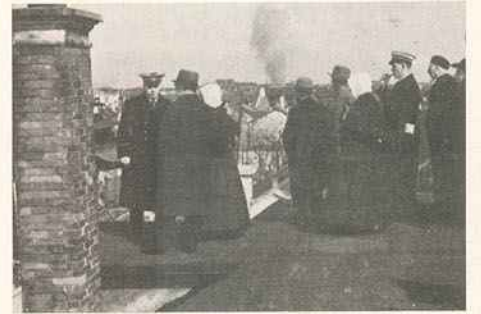
O sr. Yosuke Matsuoka, director da Companhia dos caminhos de ferro do sul da Manchuria, afirmava em um discurso público, com acento de pronunciada sinceridade: "É minha convicção que a raça Yamato tem por missão impedir a Humanidade de cair num estado de caos diabólico; de a salvar da ruína e de conduzi-la para a luz".

O conde Futura declarava em sessão da Câmara dos Senadores, nipónica que "só o espírito da raça nipónica pode salvar o mundo do estado de ruína a que chegou".

Estas e tais convicções têm entre o povo

a força de uma religião e no exército são elevadas ao rubro.

O exército por sua vez compartilha da santidade que envolve o imperador e os seus chefes são os altos sacerdotes, que o povo coloca ao serviço do imperador-deus e são responsáveis perante ele e não perante o governo ou perante o parlamento, que no Japão toma o nome de Dieta. Se o imperador não tivesse carácter divino, a sua autoridade não seria superior ao soberano reinante



Personalidades japonesas e jornalistas estrangeiros seguem do alto de um terraço o bombardeamento da cidade chinesa de Nantao

de qualquer outro e, portanto, o poder do exército seria menos absoluto.

A intensificação e reforço do carácter divino do imperador efectuados em 1935, considerando-o mais uma vez governante enviado do céu, sem responsabilidade perante a governação pública, deu ao exército uma tal força e autonomia que este pode marchar contra a China, sem receio de qualquer oposição da Dieta ou dos senhores da indústria, que a dominam. O povo sabe que a única pro-

cupação do exército é a glória da pátria e vê em cada soldado um guerreiro, com a força de dez homens, porque o seu coração é nobre e bem intencionado. Todo o japonês tem obrigação, umas

tantas vezes por ano, de orar nos templos militares e por este meio se inspira o povo e se intensifica a reverência pelo exército e pelo imperador.

As almas dos soldados mortos em campanha são dedicadas pelo próprio imperador, em determinadas cerimónias religiosas, e a credence popular convence-se de que elas continuam a combater ao lado dos seus irmãos na China.

O exército identificado com o poder divino e identificado com a missão nipónica de salvar o mundo, considera-se um mensageiro de paz e de bênçãos celestes de que são portadores para benefício da Humanidade.

O Ministério da Guerra do Japão publica e manda afixar proclamações do teor seguinte:

"Unir em harmónico acôrdo todas as raças do mundo foi sempre o ideal e aspiração nacional suprema do Japão desde a fundação do império. É essa a sublime missão da raça japonesa. É também nosso ideal e suprema aspiração banir da terra a injustiça e a iniquidade a fim de trazer ao mundo a felicidade eterna".

ADOLFO BENARÚS.



O celebre templo budista de Uji, perto de Kyoto (a capital do Japão) e que é uma curiosidade arquitectónica



1. Gonçalves Crespo - desenho de Rafael Bordalo Pinheiro

fôsse, ao mesmo tempo, um abraço de felicitações...

As altas qualidades deste belo rapaz — do meu tempo! — são liadas todas pela sua bondade, melhor direi por uma afectividade incomparável, que abrange não só os domínios do coração, mas o do próprio cérebro.

Ah! são bem raros estes homens, que tudo o que tocam impregnem dos estos mais profundos da sua sensibilidade — tudo o que amam, tudo o que admiram, tudo o que sentem.

É fluido misterioso da simpatia, que se desprende da sua vida, mana, inextinguível, dum sexto sentido — o da sociabilidade?

Dotado de vasta cultura e duma palavra abundante e fácil — e a sua fisionomia insinuante, aberta, atrai tanto que, mesmo calado, nos fala! — a sua elocução é, de continuo, equilibrada e vibrante, calma e expressiva.

Que esquisito encanto o da sua conversação!

Mas, sendo filho de Gonçalves Crespo e de Maria Amália Vaz de Carvalho — como não seria assim?

Logo me fita carinhosamente, o brilho do olhar velado de melancolia:

— Quero apresentá-lo a minha Mãe... Ela amava todos os meus amigos!

E passámos da salita de entrada para um vasto salão, onde a imagem querida

Uma admirável caa inédita de Camilo

Em casa da grande escritora Maria Amália Vaz de Carvalho

CONVERSANDO COM O LUÍZ CRESPO, SEU FILHO

de sua Mãe nos acolhe... É um retrato de Veloso Salgado, que representa a escritora no remanso familiar, em repouso das suas lides de artista, numa atitude de serenidade, quasi sonhadora. Dá uma sensação de presença prestigiosa; mas tão humanizada pelo enternecimento! Como se ainda sentisse a vibração da última página que escrevera, e estivesse vendo brincar os seus netos...

Levo a Crespo uma poesia inédita de seu Pai, e conto-lhe a sua história.

Fazia dois anos a filhinha dum amigo de Bernardino Machado; este pedira ao Poeta uma poesia que celebrasse o natalício. Mas com a maior urgência... E o autor das *Miniaturas* esquecera-se! Bernardino Machado, que era como seu irmão mais novo, teve de intimá-lo, de obrigá-lo a cumprir a promessa no pró-

prio dia da festa de anos; então Crespo improvisou três deliciosas oitavas:

«Dous anos só, que ventura!
«Folga e ri, linda creança!
«En vejo tanta esperança
«Na tua vida em beito!...
«Para ti há só aromas,
«N'este pantano da vida;
«Sobre o teu leito, querida,
«Soita risos a illusão».

«Folga e ri, linda creança!
«Quando tu fores maior,
«Talvez que julgues melhor
«A infancia que desmaioa,
«E que a tua alma de moça,
«Ferida pela amargura,
«Quaira voltar à ventura
«Que para sempre passou».

«Passa a ventura depressa
«Como o sol, como a alvorada,
«Como a nota enamorada,
«Que o echo repete alem»;

«O que nunca desaparece,
«É essa doce lembrança
«Que tu deves ter, creança,
«Dos beijos de tua mãe».

E a sombra do Poeta para, sobre nós... Falamos d'ele; falamos-lhe longamente... Vê-se que não sou eu só quem o admira, ao mais delicado, mais impressivo, mais meigamente vibrante dos poetas lusitanos dáquem e dálem mar; mas também não é só o filho a amá-lo!

O affecto e a admiração unem-nos no mesmo ritmo espiritual — tão certo é que a família dos Poetas não é apenas a sua família de sangue.

Voltamos a falar de D. Maria Amália. — Espere você um pouco... Luiz sai do salão, e volta em breve, com um braço de papéis.

São maços de cartas, dirigidas a sua mãe, cartas de Eça de Queiroz, de Eduardo Prado, de Oliveira Martins, do Conde de Ficalho, de Ramalho Ortigão, de António Cândido, de Bulhão Pato — e de outros, vinte ou trinta homens ilustres, que foram da sua convivência e amizade.

Entre elas, encontro uma do médico Sousa Martins a Luiz Crespo que teria seis anos... Agora, que tanto se trata de literatura infantil, essa carta apresenta um modelo do género, bem difficil de atingir. Que simplicidade e que elevação!

— É necessário dá-la á publicidade, Luiz!



Retrato de D. Maria Amália, por Veloso Salgado em 1896

— As suas ordens...

— Pois, quando eu voltar em Outubro, reclamo-lha!

Prometo-a aos leitores de *A Ilustração*: será uma deliciosa prenda para os seus pequeninos.

A infância e a mocidade de Luiz Crespo decorreram sob o signo da mais alta mentalidade, que foi o ambiente de sua mãe, rodeada por insignes cultores da Arte, da Literatura e da Ciência.

A casa de D. Maria Amália não era só

MAL bati ao portão da linda casa onde morou a grande escritora D. Maria Amália, vieram abrir. Logo me apareceu Luiz Crespo... E com o meu recente livro, sobre Junqueira, na mão!

Estava a lê-lo, e quis dar-me a consolação dum abraço de boas-vindas, que

ocorria quando amigã e
uma ventura.
Não sou de q' sorriem as des-
bar das illusões de Vta, mas
tambem não sou de que andarem
sem se considerar legitima a
sua dor.
Todas as mulheres q' tem ou te-
veram um esposo ou um homem
amado devem levar a alma
recolhida de Vta palavras e com-
pletos pacificadores. Certo desvio
de um dever convencional por fact-
do homem não são debitos que
despedaçam o coração da esposa.
as furtivas aborçagens da besta
promittiva a q' o homem reverte
como a sua origem. Uma utopia
segura pertencem-se ao riso,
e mais fôrça, caritativa e
santa perdão as as moitas.

Alum de q'nt, se a deslealdade
foi para Vta uma surpresa lau-
comante, é certo que lo desleal-
com vida não lhe impozem suspei-
tas: tanta foi a equalidade
com q' manteve o seu caracter
de bom marido. Corrom-me de
argumento estas palavras de u-
ma carta de Vta: "le sou-
beu como nos amavamos..." E'
claro, pois, que a m' querida
amiga não teve que soffrer a
fronteira de um partilha de
um amor que nunca se des-
mentou nos predicados q' elle
tem mais digno de uma alma
superior como a de Vta. De
sotto de protestação da mate-
ria por parte do homem, é ape-
nas um impeto de brutalidade

Fac-símile das duas primeiras lousas da carta de Camilo

mas os meus ephemeros que
predomina, deslumbra e afinal
enjo. O que houve adoravel, um
bravidade a triumphante as pes-
de fact de moitidade foram as
lagrimas de Vta. Mas deoem
No lavado todas as noções da
sua memoria. Atinca Vta foi
mas ang ao meu olho e q'
o' d'ito momento em q' a volta
compadecida para uma sombra
sufficiente e lha perdoe.
O crime postumo deve ser u-
ma flagellação, por que a dor
um' itera e desafoga de atorar
as roots de seu vivo a acasa
cã da profidia. Se compreh-
do um' angustia em um' lomen-
a de Flaubert e melha a com
prehuda na realid, pela morte de
lenta a pexin do tesouro de Honor.

Alas que unmenha deturca
de colludade material de um
homem se abandou de mulher
que nunca se dá um atorar
formoso o coração ao ser das
sua paixão!
Alinha sucho, e
depo' de est' pertra o pouco
melhor com que entoucheu
nesta uca paizagem de sua
vida. Deve-se lavar pela ley
do um' fethinho e uca' loba.
Anna Placida cura a Vta
a medida de uma fol Aug-
e um' abacant. a com aff. do
fethernal: um de Vta
mte Aug' do
C. M. de A. M. de A.

Fac-símile das duas últimas lousas da carta de Camilo



«Villa D. Pedro» (de Sousa Holstein) edificada em Cascais e oferecida pela duquesa de Palmela, artista de raça e mulher ilustre entre as mais ilustres a D. Maria Amália como preito de admiração

um centro de vida intelectual; era um centro de vida moral: os mais nobres sentimentos aí se acrisolavam — era um lar de energias espirituais; um foco irradiante de Civilização.

Em Cascais havia duas côrtes: a dos nossos Reis e a de Maria Amália! Alguns dos cortejos pertenciam a uma e outra, e não se saberia a qual mais tributavam fidelidade e homenagens...

O gentilíssimo vulto do Conde de Arnoso surge, na sua fascinação: está nos nossos corações.

— Mal se imaginará — diz Luiz Crespo — a doçura daquela alma. A sua capacidade de amar, a força da sua dedicação, quem a excedia? O que êle foi para o rei D. Carlos!

Fizeram-no par do reino; mas o que êle mais desejava ser era camarista do Paço...

Interrompo:

— Porque teria essa veleidade um homem tão altamente colocado na estima do Soberano, seu secretário particular, seu confidente?

— De certa altura em diante — prossegue o meu interlocutor — D. Carlos não lhe levava a bem alguns conselhos; julgava-se como que oprimido com a atitude que o Arnoso tomava, insistindo na censura a certos passos políticos.

— Queria, pois, refugiar-se nas protocolares funções de camarista, que são mais de servir, mais de obediência que de conselho... — observo ainda.

— Seria assim... Mas, vagando um lugar, o que fez o Rei? Nomeou o Conde de S. Lourenço; e, com essa escôlha, tapou a bôca do seu secretário particular — porque o S. Lourenço era da família do Arnoso...

Manteve-se no seu pôsto, sem um queixume! E viu-se, quando o Rei caiu assassinado, que o Conde de Arnoso continuava sendo o que fôra — o melhor amigo de D. Carlos, como dizia Junqueiro e o meu amigo refere no seu livro.

Lembra-me uma cena interessante que contarei, saudosamente.

D. Carlos regressava duma das suas viagens ao estrangeiro — foi em 1901 — e passava num expresso em Coimbra. Eu não conhecia pessoalmente o Conde de Arnoso; e seu filho Vicente — o queridíssimo Vicente — que era meu discípulo, sabendo que folgaria em apresentar-lhe os meus cumprimentos e os protestos da minha gratidão, levou-me consigo. Mas perdi-o de vista, porque fomos separados por uma avalanche do

mundo oficial — do governo civil, dos quartéis, da Universidade — e acabei por me encontrar no pequeno salão do comboio, só com um homem ainda novo, de estatura regular, apessoado, bem mas despretensiosamente vestido, com um boné de viagem... Puz-me a olhar para êle, e reconheci D. Carlos!

Como ficara ali, sem que ninguém o acompanhasse?

Eu estava de capa e batina...

A natural timidez do Rei seria grande, como se diz, mas foi êle a romper o constrangimento.

Conversámos — porque o comboio demorava mais do que fôra previsto...

E — o que parecerá incrível — também eu quis aconselhar o Rei!

E o Rei disse-me, sorrindo — e êsse sorriso quanta bondade, quanta magnanimidade revelava! —

— É, pois, meu amigo?

Um momento guardei silêncio... Mas ousei responder:

— Vossa Majestade só conhecerá os seus amigos, se um dia fôr deposto!

D. Carlos estendeu-me as mãos... Beijar-lhas-ia, se não fôsse Rei.

Assim, apertei-lhas — e abraçámo-nos!

O combóio partia; saltei do salão — e ainda o Rei me disse, não sabendo o meu nome:

— Adeus, estudante; não o esquecerei...

Não esqueceu!

E eu, republicano, através de tantas lutas, não fui nunca infiel ao generosíssimo coração dêsse homem, tão simples, tão bom, tão patriota, que foi Rei de Portugal, nem olvidarei jamais a sua memória, a memória daquele que pagou com a vida as culpas de nós todos — as suas e as de todos os portugueses...

*
*
*

Voltámos às cartas. Luiz Crespo apartou uma, de Guerra Junqueiro a sua Mãe — e lêmo-la tôda inteira: são cinco folhas de grande formato, caligrafadas tumultuosamente.

Terminava:

“Já vai longe esta carta, escrita à pressa, sôbre o joelho. Um outro dia continuarei a conversa, mesmo sob pena de lhe massacrar a paciência...”

Mas a continuação seria verbal, porque não se encontrou carta que se seguisse a esta.

Estas páginas de Junqueiro decerto não poderão vir a contar-se entre as suas melhores páginas, mas são interessantíssimas.

D. Maria Amália perguntava, não sei com que intenção: — “Não está morto porventura o Padre Eterno?”

E o Poeta responde de tal forma, como se se estivesse ensaiando para escrever, em prosa, *A Velhice do Padre Eterno!*

A carta é datada: V. do C. 29, isto é, Viana do Castelo, 29; não indica mês nem ano. Conjecturo que devia ser de 1879; e, se se averiguar que é, creio bem que poderá afirmar-se que a interrogação

da grande escritora contribuiria muito, sem que ela o desejasse, para lançar Junqueiro no caminho do desabalado combate contra a Igreja, antes de dar por bem morto a Jeová!

Há frases, nesta carta, que têm a estridência das estrofes de *A Velhice*; e algumas poderíamos ligá-las, directamente, à sua ideação.

Conversamos há três horas. Levantome, para me despedir. Assomamos a uma das janelas que dão, perto, sôbre a baía... O sol declina; o seu esplendor já vai rasando a vastidão oceânica. Mesmo no verão, a tristeza desce, nesta hora do pôr do sol, sôbre as coisas; a melancolia envolve as almas, numa penumbra evocadora.

Luiz Crespo recorda:

— Quando o meu Pai morreu... Dir-se-ia que no seu ataúde levava o coração



Dr. Luiz Crespo

da minha Mãe. O seu pensamento não se arredava um instante daquele transe de dôr. Dôr infinita! Dias e dias passavam, sem que ninguém a arrancasse àquêl pezar, presa tôda a sua vida à sacrossanta memória... Os seus olhos enevoavam-se sempre de lágrimas, que nem a presença, a vista dos seus filhinhos, conseguia estancar. Agonizava: o seu alto espírito apagava-se, como uma vacilante candeia que bruxoleia!

Seria possível salvá-la?

Alguém lembrou então um remédio heróico: remédio cruel, mas remédio...

E, assim, foi resolvido revelar-lhe certa correspondência que meu Pai mantivera com uma senhora, que decerto o admirava, e talvez o amasse também...

O choque foi brutalíssimo: quando pôde compreender o que aquelas cartas significavam, ela, que nunca pudera supor tal de seu Marido, o eleito da sua alma — que a cercara sempre de tantos

afagos, de tão respeitoso carinho, de tão inalterável affecto — sofreu uma reacção de pavor; uma lancinante mágoa pareceu abalar os próprios fundamentos morais do seu sêr, como a um crente que, subitamente, descrese, e se levantasse e afastasse, hirto, gélido, colérico, do altar do seu Deus, que tomava, desenganado, por um falso ídolo.

Foi uma fulminação!

O raio baixara, em calcinante língua de fogo, devastador, trovejante, blasfemo!

Mas passou... Na mente esclarecida de minha Mãe dissipou-se o fulgor satânico da tremenda revelação: pouco a pouco foi considerando serenamente aquele drama íntimo.

E as pessoas que lhe eram mais queridas consolaram-na; cada um como sa-



D. Maria Amália com os seus dois filhos Luiz e Cristina

bia, mas mostrando-lhe todos bem o affecto que lhe votavam, e que tanto merecia.

Perdoou!

Abraçou-se aos seus filhinhos, que eram a imagem viva do seu morto idolatrado — amor de ambos somado, multiplicado na alegria e na dôr — e salvou-se!

Senti que Luiz Crespo estremecia, comovido; e eu não tinha fôrça nem vontade de o desviar da emoção: era uma emoção sagrada!

Abre uma carta ainda:

— É a última que leremos hoje; oiça o que disse então Camilo a minha Mãe:

*Minha querida amiga
e Ex.^{ma} Senhora.*

Não sou dos que sorriem ao desabar das illusões de V. Ex.^{cia}, mas também



D. Maria Amália no seu gabinete de abalho

não serei dos que condescendem em considerar legitima a sua dor.

Todas as mulheres que tem ou tiveram um esposo ou um homem amado deviam levar à alma ressentida de V. Ex.^a palavras e exemplos pacificadores. Certos desvios de um dever convencional por parte do homem, não são delictos que despedacem o coração da esposa: são as fataes aberrações da besta primitiva a que o homem reverte como à sua origem. Essas estupidas cegueiras perdoam-se aos vivos, e é mais forçoso, caritativo e sancto perdoal-as aos mortos.

Alem de que, se a deslealdade foi para V. Ex.^a, uma surpresa lancinante, é certo que o desleal em vida, não lhe inspirou suspeitas: — tanta foi a egualdade com que manteve o seu caracter de bom marido. Servem-me de argumento estas palavras de uma carta de V. Ex.^{ca}: "Se soubesse como nos amavamos... É claro, pois, que a m.^a querida amiga não teve que soffrer affrontosas lesoens na partilha de um amor que nunca se desmentira nos predicados que elle tem mais dignos de uma alma superior como a de V. Ex.^a De resto, a prostituição da materia, por parte do homem, é apenas um impeto de brutalidade mais ou menos ephemera que predomina, deslumbra e a final enoja. O que houve adoravel, immaculado e triumphante ao pé do leito do moribundo fôram as lagrimas de V. Ex.^a Essas devem ter lavado todas as nodoas da sua memoria. Nunca V. Ex.^a foi mais anjo aos meus olhos do que n'este momento em que se volta compadecida para uma sombra supplicante e lhe perdôa.

O ciúme posthumo deve ser uma flagelação, porque a dor não teve o desafoço de atirar ao rosto de um vivo a accusação da perfidia. Eu comprehendo essa angustia em um romance de Flaubert e melhor a comprehendo na realid.^c, pela morte de lenta asfixia do visconde de Menezes. Mas que immensa distancia da

velleidade material de um homem ao abandono da mulher que nunca se dá sem atirar primeiro o coração ao sevo da suas paixões!

Minha Senhora, V. Ex.^a decerto perdôa o pouco melindre com que intervenho n'esta escura passagem da sua vida. Deixese levar pela luz dos seus filhinhos, e será salva.

Anna Placido, envia a V. Ex.^a as saudades de uma fiel amiga e eu, abraçando-a com affecto paternal, sou de V. Ex.^a,

m.^{to} Am.^o e Cr.

C. CASTELLO BRANCO.

Despedimo-nos. O último clarão do sol incendiava o horizonte...

A carta de Camilo, inserta hoje na *Ilustração*, é que deu lugar à publicação desta entrevista, em que nem Luiz Crespo nem eu pensávamos, quando nos entre-tínhamos, entre recordações e saúdaes, naquella sua linda casa de Cascais. Ele só a lerá nesta revista, porque não houve tempo para a submeter... à sua censura. A sua indulgência, tão provada para comigo, e há tantos anos, me desculpará.

Esta carta de Camilo, transcrita textualmente, é simplesmente admirável!

A *Ilustração* publica-a, não só por ser um trecho da melhor prosa do genial escritor e por ser dirigida a quem é — a essa grande Maria Amália, cujo nome veio a vincular-se, como um dos maiores, à História da Literatura Portuguesa — mas também porque poderá servir de consolação ao desespero de tantas almas de mulher, torturadas pelo flagício de iguais dores, sem que lhes valha a resignação religiosa, na revolta instintiva contra a desigualdade dos sexos e os costumes sociais.

LOPES D'OLIVEIRA.

SEM se terem prevenido para o caminho, viajavam juntos dois avarentos, numa região falha de hospedarias.

— Esta só pelo diabo! — exclama um deles — olhe cá: o meu amigo não se lembrou de trazer alguma coisa?

— Trago apenas uma garrafa de vinho.
— Oh! mas isso é magnífico! Para língua seca não há como um gole de vinho.
— Pois o sr. traz língua seca?
— Pois trago.

— Foi de primeira ordem a sua lembrança, podemos dividir as nossas provisões.

— Vá feito. Venha de lá êsse vinho, que por aqui não há água e tenho sede. O que se prevenira com a garrafa de vinho, ofereceu-a ao companheiro; êste bebeu e passou a garrafa ao dono, que bebeu também, dizendo depois, enxugando a bôca:

— Agora venha de lá o que aí tem.
— Eu?! Mas não trago nada!
— Então não disse que trazia língua seca?

— Ah! sim, é verdade; bem me lembro. Trazia a língua seca, mas agora já está molhada.

— Joaquina!
— Minha senhora!
— Traze-me os sapatos mas avia-te que tenho muita pressa.

Passaram alguns minutos.
— Joaquina! O' Joaquina!
— Já lá vou, minha senhora, já lá vou!
— Então os sapatos?
— Aqui estão, minha senhora.
— Então que demora foi essa?
— Como a senhora me disse que tinha muita pressa, estive a atar-lhes os atacadores para lhe poupar tempo.

Um cliente entra na sala de espera dum médico e pousou o olhar noutro cliente que o precedeu. Para meter conversa, diz:
— Boa tarde. Parece-me que já o encontrarei não sei onde...

— Oh! eu sou neurastênico — replica o outro, muito fora de propósito.

— Muito prazer em conhecê-lo. Eu sou o Pires, de Aveiro.

O mais velho dos habitantes de uma aldeia evoca as suas recordações, ante um grupo de turistas. Começa por dizer:

— Tenho 94 anos e não tenho inimigos.

— Isso só lhe dá grande honra, meu amigo — observa um dos circunstantes. Logo o velho rectifica:

— E' verdade... Quero dizer que já não tenho inimigos; sobrevivi a todos.

Mestra — Tomé, que animal te fornece as botas e a carne para tu comeres?

Discipulo — O papá.

— Tens tomado o teu remedio como um menino obediente, Antoninho?

— Não, mamã. Eu deixei a Micas pro-



vá-lo; ela gostou dêle e eu troquei-o por uma laranja.

O cliente maçador: — Dê-me dois ovos estrelados. Mas tome atenção: não quero a clara muito cozida; não os volte; não ponha manteiga demais. Basta uma pitada de sal. Não deite pimenta. Pode ir... Que espera?

O criado: — É para dizer que a galinha que pôs os ovos é amarela e foi comprada em Lousa de Cima... Convirá ao senhor?

— Chico, eu disse-te que não fosses nadar e tu desobedeceste-me.

— É que o demónio tentou-me.
— E porque não disseste ao demónio que se pusesse atrás de ti?

— Eu disse-lhe e êle deu-me um pontapé e eu caí na água.

— Confessa então que abriu com uma gazua, a loja de fazendas onde foi encontrado?

— Sim, sr. juiz. Não quis morrer sem cumprir a vontade de meu pai...

— Que vontade era essa?
— Que eu abrisse uma loja de fazendas.

— Eu cá sou assim — dizia um rapaz à mesa de um café — Se chego a casar e não me entendo com a sogra, faço-a em fânicos.

— Parece-me que o amigo exagera —

ponderou um sujeito de certa idade que estava farto de aturar a mulher, uma verdadeira megera.

— Palavra de honra que dou cabo dela!

— Quere o senhor casar com minha filha? Leva cem contos de dote... Mas o senhor há-de cumprir a sua palavra...

Certo indivíduo muito ignorante e mentiroso, falava a cada momento das suas numerosas viagens (que nunca tinha feito) e dizia a propósito delas, mas sem propósito nenhum, dislates sem conta.

— Pelo que lhe temos ouvido — observa alguém que lhe conheceu a balda — o que o senhor conhece menos é, ainda assim, a geografia.

— Não diga tal! Conheço a Geografia como os meus dedos! Tenho lá desembarcado muitas vezes, e ainda na minha última viagem lhe passei à distância de três milhas.

Bebé fazia há dias um berreiro insuportavel. A mãe que lhe costumava satisfazer todos os caprichos, aflige-se e pergunta:

— Que tens, tu? Tens vontade de comer?

— Não — responde êle.

— Tens sede?

— Não.

— Queres sair?

— Não.

— Queres fazer ó... ó...?

— Não.

— Que queres então, filho?

— Quero berrar.

No tribunal:

— Onde estava a testemunha quando o réu disparou o primeiro tiro?

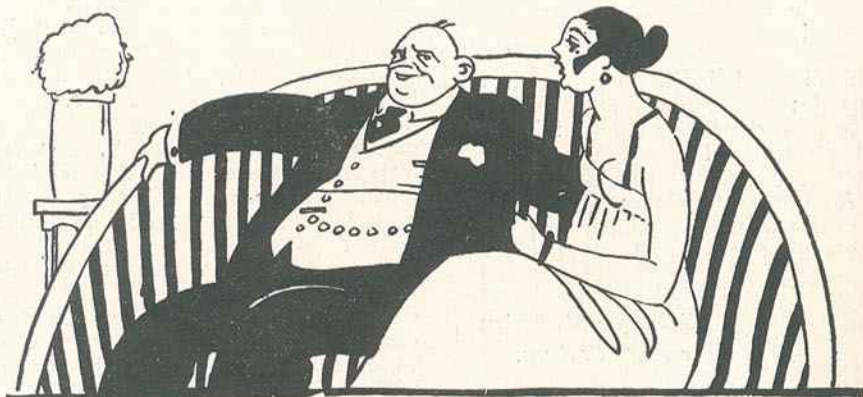
— Estava a dois metros de distância, sr. juiz.

— Mas o réu disparou três tiros... Não tentou desarmá-lo?

— Não ouvi mais tiro nenhum.

— Mas se o réu fez fogo mais duas vezes, onde estava a testemunha?

— Nessa altura deveria estar a um quilómetro. Nunca corri tanto na minha vida!



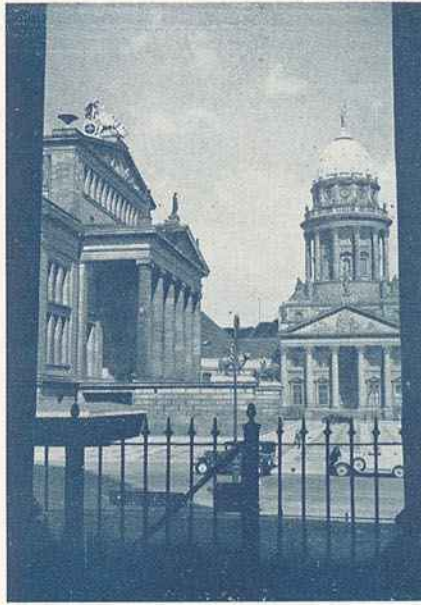
— E amou muito, senhor Esteves?

— Muito!... Calcule que meti tantos caracolinhos do meu cabelo nas cartas de namôro que... estou como vê!

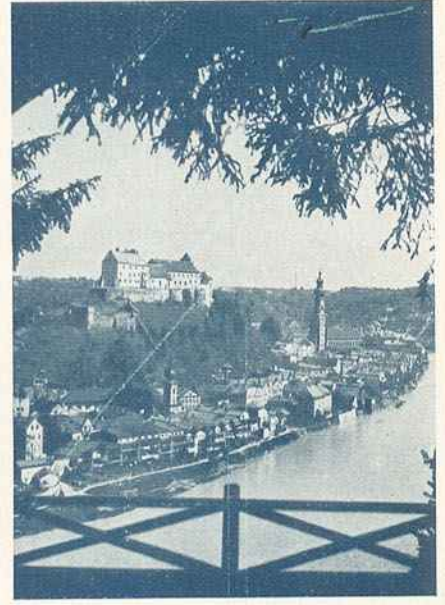
ATRACTIVOS ALEMÃES



Uma linda vista da ilha de Ruegen enaltecida pelo turismo



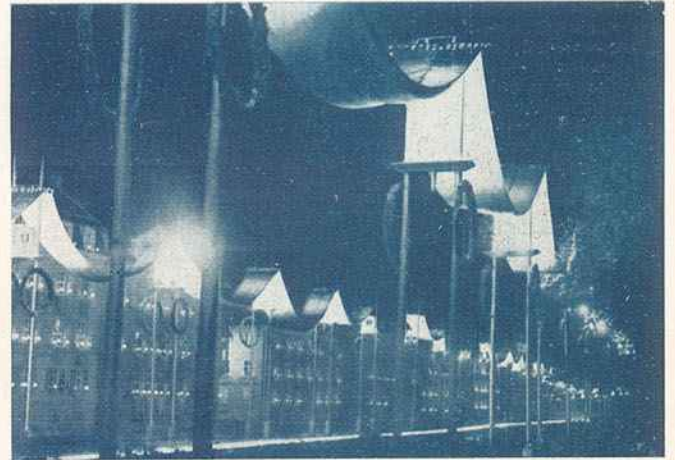
O teatro da Comédia em frente da catedral francesa de Berlim



Uma graciosa vista de Burghausen del Sabzach



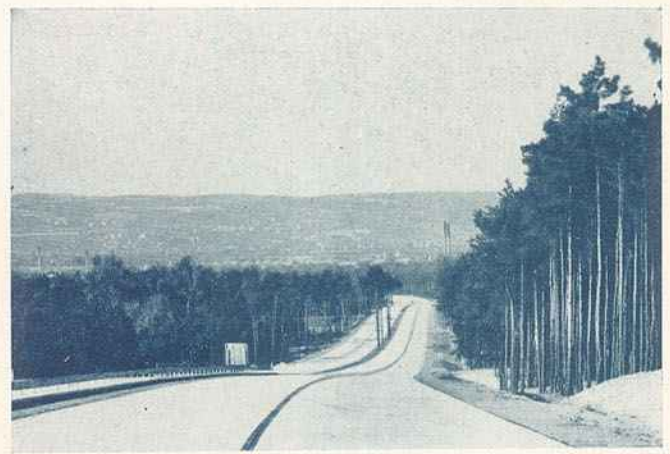
Colónia de repouso para as mães em Heringsdorf nas margens do Báltico. A gravura acima mostra as mães no seu exercício físico diário



As ornamentações da cidade de Munich por motivo da celebração do «Dia da Arte Alemã» que decorreu com a maior pompa e esplendor



Um lindo aspecto da povoação de Steinach, perto da fronteira do Passo de Brenner no Terol que o turismo alemão tanto enaltece



Um trecho da auto-estrada de Dresden a Chemnitz, através do centro industrial da Saxonia que, dia a dia, mais se desenvolve e fortalece

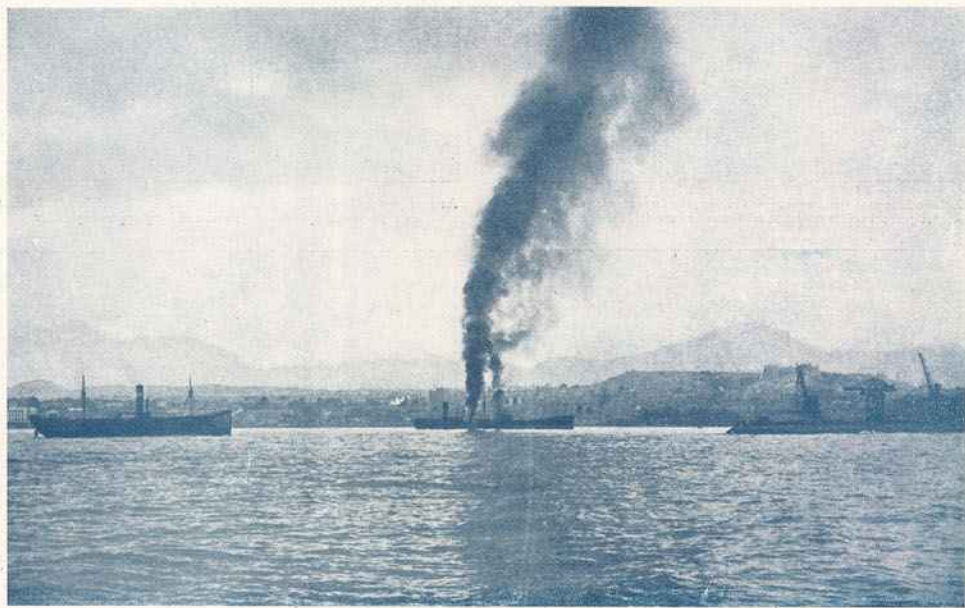
ASPECTOS DA GUERRA CIVIL EM ESPANHA



Em cima à esquerda: Aspecto de um bombardeamento aéreo para proteger um avanço nacionalista. — A direita: Uma bateria governamental tomada e destruída pelos nacionalistas. — Ao centro: O general Aranda ditando a ordem do dia. — Em baixo: Um navio de carga inglês atingido por um projectil durante um bombardeamento no porto de Alicante.



Em cima, à direita: Rebanhos atravessando a fronteira dos Pireneus. — A esquerda: Uma bateria governamental tomada pelos nacionalistas. — Ao centro: Um grupo típico de nacionalistas avançando com a sua bandeira. — Em baixo: Armas e equipamentos apreendidos aos governamentais quando atravessavam a fronteira francesa.





Casamento da sr.^a D. Maria Luíza filanc Bliobernicht, com o sr. Dr. Armando Ducla de Sousa Soares, celebrado na paróquia de S. Jorge, em Arroios (Fotos Alvaro Campeão)

Festas de caridade

FEIRA ANTIGA

Constituiu sem duvida alguma um verdadeiro acontecimento mundano, a «Feira Antiga» que se efectuou em Sintra, nos dias 13, 14 e 15 de Agosto passado, no terreiro fronteiro ao Paço da Vila de Sintra, organizada por uma comissão de senhoras legionárias pertencentes à nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: D. Aida Carneiro, D. Amélia de Carvalho Maia, D. Ana Maria Quaresma de Araujo, D. Carolina Correia de Sá Pais do Amaral, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Conceição de Casal Ribeiro Ulrich, Condessa de Castanheira, Condessa de Castelo Mendo (D. Rita), D. Cristina Gomes de Amorim, D. Elisa Santos, D. Helena de Lima Mayer Correia Henriques, D. Isabel Ulrich de Castro Pereira, D. Josefina Vasconcelos de Abreu Andresen, D. Julieta Gomes de Amorim d'Orey, D. Livia de Arriaga e Cunha Braamcamp de Melo Breyner, D. Mabel Oram Soares, D. Margarida Maria Lopes, D. Maria Alegria Serrano Trigueiros, D. Maria Benedita de Castro Pereira Ulrich, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Cabral, D. Maria Domingas da Gama Berquó, D. Maria das Dores Sotomaior, D. Maria Emilia Homem Machado Mendes de Almeida, D. Maria da Graça Teixeira de Azevedo Ferraz, D. Maria Henriqueta Salma Garção, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Isabel da Gama Berquó, D. Maria de Lourdes Quaresma Araujo, D. Maria de Lourdes Teixeira de Azevedo Ferraz, D. Maria Luíza de Carvalho Monteiro, D. Maria Luíza Meireles Posser de Andrade, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Maria do Patrocínio Van-Zeller Palha, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria de Sousa Soares, Marquesa de Abrantes, Marquesa de Cadaval, Viscondessa de Asseca (D. Luíza), e Viscondessa de Taveira, cujo produto se destinava ao fundo de assistência social do Terço Independente da Legião Portuguesa, de Sintra, na qual houve além dos divertimentos que são de uso nestas festas populares, um recinto para dança, serviço de ceias e «bar», tendo tódas as barracas, à frente das quais se encontravam senhoras da comissão organizadora e várias meninas da nossa primeira sociedade, feito óptimo negócio.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano e artístico.

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Mariana Sousa Lobo da Costa Campos, para o distinto clínico sr. dr. Felix Albano de Noronha, filho da sr.^a D. Rosa Ninfa Migonia Menezes de Noronha e do capitão sr. Felix Albano de Noronha, a sr.^a D. Maria da Piedade Viena Pires Barata, interessante filha da sr.^a D. Maria de Jesus Vilhena Pires Barata e do distinto professor sr. Manuel Pires Barata, irmã do distinto tenente do Estado Maior, sr. Francisco António Pires Barata e sobrinha do sr. José Pires Barata, importante proprietário em Castelo Branco, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Celebrou-se na paróquia do Santo Condestável, à rua do Patrocínio, o casamento da sr.^a D. Maria Júlia Nolasco Isidro, gentil filha do sr. Raul Rodrigues Isidro, primeiro oficial da Administração Geral do Porto de Lisboa, com o sr. Júlio Nunes Relvas, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Francisca Rodrigues Isidro, tia paterna da noiva e D. Angélica Vitor Gomes Relvas, cunhada do noivo e de padrinhos os sr. Eduardo José de Almeida e Manuel Nunes Relvas, irmão do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da avó paterna da noiva, sr.^a D. Maria Guilhermina Rodrigues Isidro, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho o sr. dr. Alberto Fialho Janes, foi pedida em casamento pelo sr. Armando Afonso Janes, a sr.^a D. Maria de Lourdes Cordeiro Ramos Piteira de Figueiredo, interessante filha da sr.^a D. Judite Cordeiro Ramos Piteira de Figueiredo e do sr. dr. António Augusto Piteira de Figueiredo, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

— Na paróquia de S. Paulo, celebrou-se, presidido pelo reverendo Luiz Gonzaga Leite, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Alice da Conceição Santos, gentil filha da sr.^a D. Emilia da Conceição Santos e do sr. Antonio dos Santos, com o sr. Candido Augusto Cristo Silva, filho da sr.^a D. Isaura Cristo da Silva e do sr. Candido Augusto da Silva, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Domingas da Silva e de padrinhos os pais dos noivos.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Deve-se realizar dentro de alguns dias, em Setúbal, o casamento da sr.^a D. Etelvina da Conceição Praia, interessante filha da sr.^a D. Maria da Conceição Praia e do sr. Manuel José Praia, técnico conserveiro, em Setúbal, com o nosso presado colega na imprensa, chefe da redacção do *Século Ilustrado*, sr. Mário Rocha, filho da sr.^a D. Rosa Gomes Rocha e do sr. Antonio da Rocha, maquinista da marinha mercante.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Domingas Luíza de Souza Coutinho Daun e Lorena, esposa do nosso amigo sr. Manuel Corrêa de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal). Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Na Maternidade Dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Helena Barradas Ferreira, esposa do sr. Barradas Ferreira, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Celicia Sena, esposa do sr. Sena, teve o seu bom sucesso, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filha, encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Inês Barahona Fragozo Van-Zeller, esposa do sr. Estevão Van-Zeller. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

Baptizados

Celebrou-se na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, o baptizado do menino Mário-gentil filhinho da sr.^a D. Margarida da Cunha Prignatelli Teles de Vasconcelos Corrêa de Aguiar e do nosso presado amigo sr. dr. António de Aguiar, ilustre vogal do Conselho do Império e deputado da Nação, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Maria Joana de Melo Osório (Proença-a-Velha) e de padrinhos o sr. conde de Vinhó e de Almedina, presidindo ao acto o reverendo dr. Augusto de Araujo.

— No Porto, celebrou-se na paróquia de Nevogilde, o baptizado do menino Alberto Mário-gentil filhinho da sr.^a D. Maria Teíza Ferreira da Silva Braga, e do sr. dr. António Damázio Braga, servindo de padrinhos seus tios, a sr.^a D. Ana Braga de Figueiredo e sr. Alberto Nunes de Figueiredo, ilustre consul da Bélgica, na capital do norte.

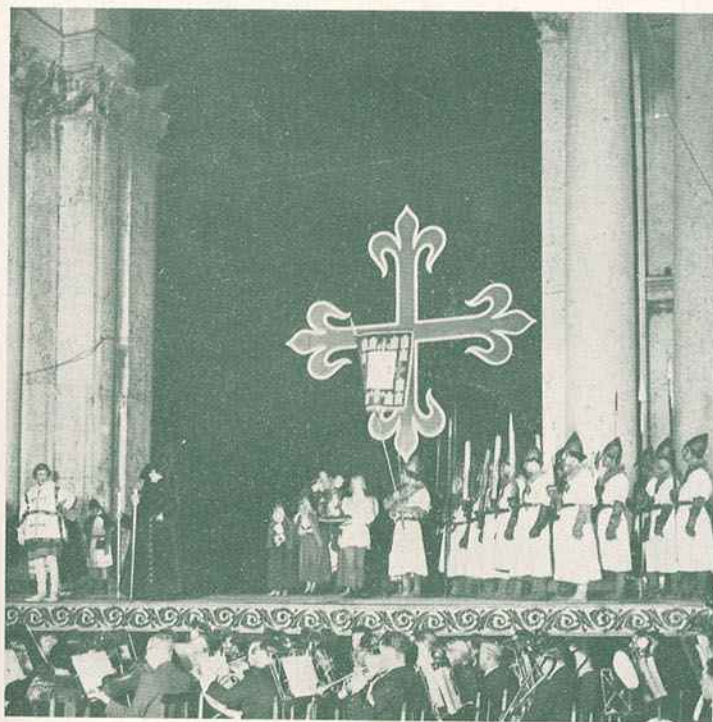
D. NUNO.



A sr.^a D. Adelaide Monteiro Caldeira Alvim Pólvora, e o sr. João César Nunes por ocasião do seu casamento

Aniversário de Aljubarrota

Continência à bandeira em frente da capela de S. Jorge na Batalha. — *Ao centro*: Um aspecto da formatura geral da Legião Portuguesa na Nave do Palácio de Cristal. — *Em baixo*: Uma fase da representação do "Auto de Aljubarrota". — *A direita*: Os porta-bandeiras dos «Castelos» da Mocidade Portuguesa que tomaram parte no cortejo patriótico da Batalha





O novo recordman nacional dos 400 metros, António Calado, que pela primeira vez em Portugal percorreu a distância em menos de dois minutos.

TERMINOU a temporada do atletismo em pista, que este ano começou sob negros auspícios mas veio a concluir com aspecto francamente satisfatório. Os campeonatos nacionais disputados na pista do Lima resultaram brilhantíssimos e trouxeram a confirmação do valor de novos atletas, o que representa o melhor sintoma de progresso da especialidade.

Demonstrado ficou que o atletismo enveredou novamente pelo bom caminho, vencida a crise ocasional que proviera apenas de perturbações na organização dirigente, e agora, reconquistada a simpatia do público, vai poder abalancar-se a mais audaciosos empreendimentos.

As competições oficiais efectuadas em Lisboa proporcionaram à respectiva Associação lucro suficiente para lhe permitir vida desafogada até à época próxima, e os Nacionais no Pôrto, cidade onde a modalidade sofre evidente declínio, decorreram também ante inesperada multidão que, na jornada de domingo, encheu por completo a vasta bancada.

Este facto leva-nos a crer que a inferioridade passageira do atletismo português resulta apenas da falta de competição entre os clubes locais praticantes; no momento presente existe no Norte uma equipa, a do Académico, que absorveu a quasi totalidade dos valores regionais e por isso o público, sabendo-a antecipadamente vencedora na maioria das provas e conhecedor da escassez de concorrentes que lhes retira emoção, desinteressar-se dos torneios. Mas a visita dos seleccionados lisboetas, avalizada pelos

bons resultados obtidos anteriormente, bastou para lhe instigar a antiga preferência e fazê-lo comparecer em massa, aclamar com entusiasmo e reviver horas passadas com a saúde escondida dos Prata de Lima, dos Sarsfield, dos António Júlio Dias.

Em oposição ao que se passa no Pôrto, a situação em Lisboa beneficiou da igualdade de força das equipas representativas dos clubes mais populares, Benfica, Sporting e Belenenses, que durante a temporada travaram entre si luta equilibrada como se verifica pelo número total de títulos conquistados, e que foram respectivamente 35, 32 e 23 para as colectividades pela ordem indicada.

Ao passo que os portugueses disputaram apenas provas regionais de estreantes, júniores e seniores, faltando às nacionais de júniores e comparecendo nas de seniores, os lisboetas participaram de todas estas e mais das de principiantes; entre os novos que se revelaram esperançosos valores, é justo destacar o "casapiano", Mira Barroso, os "benfiquenses", Espírito Santo e Guilherme Santos, os "sportingistas", Ladislau Dias, Aníbal Paciência, Venâncio Jorge, Aristides Minhava e João Guimarães Marques, os "belenenses", António José Pereira e Borges da Silva.

Foram melhorados 20 "records", nacionais, o que constitui activo apreciado para três meses de organizações. Os máximos melhorados foram os seguintes: Salto em altura em Escolas Secundárias; 110 metros barreiras e saltos em altura e à vara em Escolas Superiores; corrida de 80 metros e salto em altura nos júniores; corridas de 400 e 800 metros, estafetas de 4x100 e 4x1.500 metros, saltos em

A QUINZENA DESPORTIVA

altura, comprimento, triplo e à vara, nos seniores; corridas de 60, 100 e 150 metros, estafeta 3x60 metros, salto em comprimento e lançamento do disco nos femininos.

Os melhores resultados verificados nas 19 provas do programa olímpico, foram os que vamos indicar em primeira apresentação:

100 metros: 11 s., Fernando Ferreira e Neves de Carvalho; 11,1 s., António Fontes e Mira Barroso.

200 metros: 23 s., José Glória Alves; 23,1 s., Fernando Ferreira; 23,4 s., Neves de Carvalho.

400 metros: 52,3 s., José Glória Alves; 52,7 s., Alberto Afonso; 54,1 s., José Gordo e Manuel Campos.

800 metros: 1 m. 59,8 s., António Calado; 2 m. 4,1 s., J. Ferraria; 2 m. 8,0 s., António Figueiredo.

1.500 metros: 4 m. 15,5 s., António Nogueira; 4 m. 20,6 s., Angelino Pinho; 4 m. 22 s., António Figueiredo.

5.000 metros: 15 m. 51,6 s., António Nogueira; 16 m. 4,4 s., Diamantino França; 16 m. 40 s., Albino Silva.

10.000 metros: 32 m. 52,4 s., Albino Mourão; 35 m. 20,8 s., Joaquim Correia; 35 m. 28,6 s., Artur Lourenço.

Barreiras, 110 metros: 16 s., António Pereira; 16,2 s., Martins Vieira; 16,7 s., Palhares Costa.

Barreiras, 400 metros: 59,5 s., Alberto Afonso; 60,2 s., Alfredo da Silveira; 1 m. 1,5 s., Guilherme Fragata.

Saltos em altura: 1^m, 825, Espírito Santo; 1^m, 78, Alberto Cunha; 1,76, José Esteves.

Saltos em comprimento: 6^m, 89, Espírito Santo; 6^m, 83, Manuel Oliveira; 6^m, 55, Carlos Santos.

Triplo-salto: 14,015, Espírito Santo; 13^m, 08, Manuel Oliveira; 12^m, 75, Espaim Neves.

Salto à vara: 3^m, 60, Martins Vieira; 3^m, 20, Fernando Boaventura; 3^m, 00, Reis Abrantes.

Lançamento do peso: 12^m, 70, Emídio Ruivo; 12^m, 10, Romeu Correia; 11^m, 30, Peixoto Correia.

Lançamento do disco: 39^m, 83, Herculano Mendes; 36^m, 75, Eduardo Vieira; 33^m, 80, Peixoto Correia.

Lançamento do dardo: 48^m, 77, António Rodrigues; 47^m, 60, Trigo de Mira; 47^m, 58, António Cadete.

Lançamento do martelo: 45^m, 31, Herculano Mendes; 34^m, 37, Manuel Santos; 29^m, 12, José Gonçalves.

Para completar esta elucidativa exposição de números, vejamos a pontuação correspondente aos melhores resultados de cada prova:

1.^o — 100 metros, Fernando Ferreira e Neves de Carvalho, 843 pontos.

2.^o — Salto em altura, Guilherme Espírito Santo, 816 p.

3.^o — 10.000 metros, Albino Silva, 808 p.

4.^o — 800 metros, António Calado, 802 p.



A chegada da corrida de 400 metros, na qual Glória Alves melhorou o mínimo nacional de distância

5.^o — Estafeta 4x100 metros, média de 11,12 s., Sporting Clube de Portugal, 800 p.

6.^o — 5000 metros, Manuel Nogueira, 791 p.

7.^o — Triplo-salto, G. Espírito Santo, 786 p.

8.^o — L. do martelo, Herculano Mendes, 781 p.

9.^o — 110 metros barreiras, António Pereira, 776 p.

10.^o — S. em comprimento, G. Espírito Santo, 775 p.

Seguem-se as marcas de Manuel Nogueira nos 1500 metros (752 p.), Glória Alves nos 400 metros (750 p.), Martins Vieira no salto à vara (733 p.), etc.

Entre os resultados que figuram nesta lista, merece-nos reserva o tempo dos dez quilómetros que consideramos despro-

porcionado para as capacidades do corredor e possivelmente resultante de erro involuntário na contagem das voltas que, em contrário ao preceituado, fora confiada a uma única pessoa.

O pedestriano vencedor percorreu a segunda metade da prova sem competidor que o forçasse a lutar e gastou 1 m. 5,7 s. a menos no tempo total do que lhe fora registado uma semana antes, na mesma distância e na mesma pista, coisa que a todos os entendidos parecerá paradoxal; ora 1 m. 5,7 s., corresponde precisamente ao tempo necessário para cobrir mais uma volta de 401 metros.

Resta-nos falar das provas femininas que tanta animação e graça vieram trazer aos concursos atléticos: eis a lista das melhores marcas.

Corrida de 60 metros: 8,4 s., Lucília Rodrigues Silva; 8, 5 s., Ilda Leite Dias e Maria Minnemann.

Corrida de 150 metros: 20,4 s., Lucília Rodrigues Silva; 21,6 s., Maria Minnemann; 22,4 s., Helena Sousa Martins.

Estafeta 3x60 metros: 25,6 s., Feminino do Pôrto; 26,2 s., Sporting; 28,4 s., Belenenses.

S. em altura: 1^m, 31, Maria Ester Moura Cabral; 1^m, 26, Lucília R. Silva; 1^m, 25, Emília Carrelhas.

S. em comprimento: 4^m, 69, Emília Carrelhas; 4^m, 15, Margarida Salazar Carreira; 4^m, 08, Helena Sousa Martins.

Lançamento do peso de 3 quilos: 8^m, 12, Emília Carrelhas; 7^m, 85, Dília Costa; 7^m, 80, Susana Sander.

Lançamento do disco: 23^m, 87, Deolinda Chupêlo; 23^m, 24, Margarida Salazar Carreira; 22^m, 84, Maria Helena Sá.

Lançamento do dardo: 22^m, 07, Deolinda Chupêlo; 21^m, 58, Emília Carrelhas; 19^m, 97, Margarida Salazar Carreira.

Todos estes resultados, talvez exceptuando os das corridas, são bastante fracos mas assim é que está bem; as raparigas devem, em nosso entender, praticar o atletismo como divertimento, para adquirirem desembaraço e saúde, graça e harmonia. Nada de masculinização ou musculação exagerada, que seriam comprometedoras para a feminilidade indispensável nas mulheres mais robustas e sadias.

SALAZAR CARREIRA.



As atletas do Sporting, Maria Ester Moura Cabral, Susana Sander, Margarida Salazar Carreira e Branca Nieto, conquistaram a Taça May Norton, 1.^o Troféu oficial do atletismo feminino em Lisboa.



A equipa do Sporting que bateu o record nacional da estafeta 4x100 metros: Alves Pereira, Cunha Rosa, Neves de Carvalho e António Fontes.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 12

(8.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (21 pontos)

Mirna, Ramon Lágrimas, Sol de Inverno, Alfa-Romeu, Aida, Cigano e Agásio

OUTROS DECIFRADORES

Ti-Beado — 20. Siulno — 19. M. A. P. M. — 18. Frá-Diávolto, Matina, Larabastro, Diriso e Dama Negra — 16. Francisco J. Courelas, Sevla, Barão Y e Infante — 15. Tarata, Visconde X, J. Tavares e Almaviso — 12. Anjo das Serras — 10. Rosa Negra — 19.

DECIFRAÇÕES

1 — Minuto. 2 — Divertido. 3 — Pousada. 4 — Regrado. 5 — Modorra. 6 — Abanado. 7 — Messe. 8 — Chasco-de-leque. 9 — Rampana. 10 — Mascara. 11 — Formoso. 12 — Imperioso. 13 — Canja. 14 — Tra(fe)go. 15 — Piqueta. 16 — Canalha. 17 — Vidonha. 18 — Algema. 19 — Gazola. 20 — Balfo. 21 — Vencerei não só estes adversários...

16.º ANIVERSÁRIO DA T. E.

Num outro local se publica uma fotografia de um grupo de charadistas que compareceram na Trafaria, no dia 7 do mês findo, a festejar o 16.º ano da fundação da Tertúlia Edípica.

CORRESPONDENCIA

Luanda — *Zé da Eira*. Só agora recebemos a vossa carta de 15 de Maio que agradecemos. A partir desta data iniciaremos a publicação dos trabalhos que a acompanhavam.

Lisboa — *Bisnau*. Até que enfim... os nossos calorosos agradecimentos.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Amo-te profundamente — 1-2-8-4-9.
Com um amor fraternal,
Tão puro, forte e veemente
Como não há outro igual.

O amor é cego, e tão cego — 3-2-10-7-9.
Que nunca vê corações;
Mas eu que não te renego
Trago o meu em convulsões.

Não me julgues troca-tintas — 6-2-7-5-9.
Merecendo o teu desdém;
Diz, com verdade, não mintas,
Se me tens amor também.

Não quero ser enganado — 8-3-2-10-9.
— Antes morrer que tal sorte! —
Se hei-de viver desgraçado
Antes mil vezes a morte.

Hei-de consultar os «sábios»
De ciências amorosas
P'ra saber se de teus lábios
Saem frases mentirosas.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 21

CHARADAS ANTIGAS

DEO VOLENTE!

(Ao Ordisi).

2) Entrei na vasta Catedral antiga. — 2.
E nas suas naveas parecia ainda
Reboar o som da melodia linda
Que um dia ali cantaste, ó minha Amiga!

Manso, tão manso! — o coração que o diga —
Entre cheinho da Saúde infinda
Daquele instante que a lembrança alinda — 2.
— Vivido outrora nessa Igreja antiga...

Com refulgências rápidas e vivas
O sol doirava as místicas figuras
Dos vitrais das janelas em ogivas...

E, entre a vaga penumbra vespertina,
Eu divisei as linhas muito puras
Do Teu perfil de Virgem florentina!

Lisboa *Zé da Ponte (T. E.)*

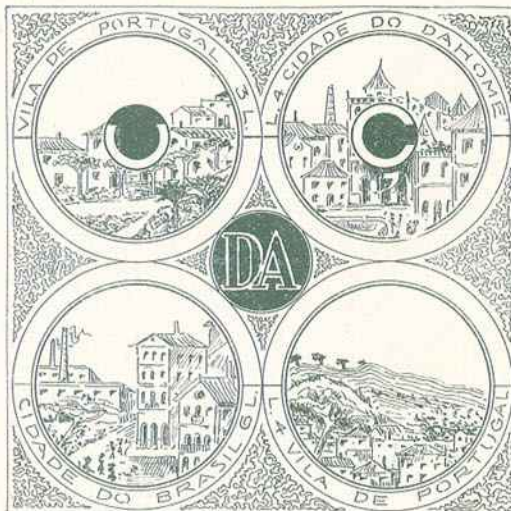
(Eslarecimento ao presado mestre Sileno)

3) Supõe-me, então, um infante
Já decrépito... senil!
Alguns jarreta farçante
A fingir de varonil!...
Acertou, caro confrade,
Nas contas da minha idade.

Setenta ainda não tenho, isso não,
Embora dêles seja muito perto — 1
Mas era descortês dizer-lhe ao certo
Tal número brejeiro... maganão.

O tempo voa, foge,
E ontem já não é hoje,
Num instante passa a lida mocidade
E a velhice vem contra a nossa vontade, — 2
Meu respeitoso amigo.
Mas que hei-de fazer
Se a lei manda viver
Talvez para castigo?!...
A juventude onde já vai!... mas creia,
Como disse, adoro inda as boas pernas
E chego a proferir palavras ternas

18) ENIGMA PITORESCO



Leiria *Magnate (L. A. C.)*

Á dona se, contudo, não é feia!...
Babosices de velho!... Então que
[quere...
Quando, enfim, já declina pelos
[«entas»
E que não tem, decerto, amor às ventas
Ao «conquistar» na rua uma
[qualquer...
Lisboa *Infante*

4) Já desde o ano que findou — 1
Que não te vejo, Maria,
Por esse facto acabou — 2
A minha grande alegria.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SINOPADA

5) Eu comparo a minha gata
A uma certa menina...
Por vezes muito pacata,
Outras terrível, felina!

Se o mau carácter revela,
Logo as garras deita fora...
Porém, ao ver a chinela
Que gatinha encantadora!

Mais parece um cão fel!
Digam lá que a trolha abala...
Torna as gatas como mel,
E as mulheres... nem se fala! 3-2.

Lisboa *Calaveras*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

6) Por falta de vagar não me meto em tal empresa. (2-2) 3.

Lisboa *Rina (L. A. C.)*

7) Quem não gosta de ver esse teu olhar encantador, que até confunde a alma?! (2-2) 3.

Lisboa *Filho d'Algo*

8) O idiota partiu a cabeça por causa de um estúpido. (2-2) 3.

Vila Serpa Pinto
Dr. Sicasar (T. E. e L. A. C.)

9) Dou o cavaco quando uma maçadora me deprime. (2-2) 3.

Lisboa *Infante*

(Aos e nfrades de Angola)

10) Todo o continental estima o encantador torrão angolense do íntimo do coração. (2-2) 3.

Biscaia *Olegua (L. A. C. e D. A.)*

11) Transpira bastante a pessoa astuta e ladra, mas nunca é agradável. (2-2) 3.

Luanda *Ti Beado*

NOVISSIMAS

(Ao amigo e confrade «Mrs. Le Bossat»)

12) Foi na brenha que se escondeu a tua mulher corpulenta. 1-1.

Vila Serpa Pinto
Dr. Sicasar (T. E. e L. A. C.)

13) Para nada serve quem não tem força. 1-2.

Lisboa *Rina (L. A. C.)*

14) Este rapaz é o único que usa o vestuário largo e sem mangas; mas é com o fim de lhe servir de disfarce. 1-2.

Lisboa *Smith*

15) «Nota», mas «nota» bem! não te metas no jogo. 1-1-1.

Lisboa *José dos Santos Marques*

16) Á pessoa naturalmente subtil, não falta imaginação para proceder atiladamente. 6-2.

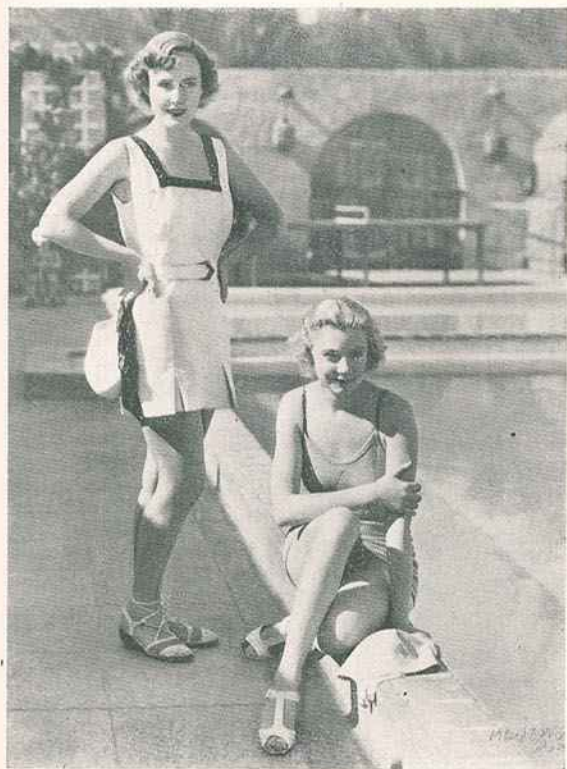
Lisboa *Bisnau (T. E.)*

17) Quando me apanho na adega com a «vasilha» na mão, canto uma ária pequena. 2-2.

Luanda *Zé da Eira (L. A. C.)*

Toda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ÁGUA, SOL E LUZ



A Humanidade convenceu-se que necessita tanto, de água sol e luz, para viver, como precisa de alimentos.

Houve uma época em que aqueles que vivem nas cidades se confinaram numa vida fechada em casa, sem ar, sem luz, e, em que os banhos de mar ou rio, eram considerados terapêutica só para doentes, e, os são estiolavam-se numa vida sem ar nem luz, que os anemiava e definhou a raça.

Actualmente já assim não é e se nos meses de inverno, sobretudo nos climas frios, nos vemos obrigados a viver dentro de casa, ha todos os anos uns meses em que se vive ao ar livre numa sã compreensão do que deve ser a vida natural.

Nos meses de sol e de luz intensa quasi todos vivem pelo menos numa temporada de vida saudável, que retempera o organismo e o fortifica para que possa resistir aos rigores do inverno e á vida que somos obrigados a fazer dentro de casa.

A água é uma das atrações desta época e um dos melhores elementos de cura. A beira-mar as lindas praias doiradas vêem as suas areias cobertas de banhistas, que gozam os benefícios do ar puro do sol e da água. Mas não contentes com a amplitude do mar e com a vastidão das areias, têm em quasi todas as praias estrangeiras, as piscinas que oferecem a mais completa segurança aos banhistas, não os expõem aos perigos, que o mar muitas vezes esconde sob o mais risonho aspeto.

Em Portugal ainda não há nas praias as piscinas. Só nos pontos onde não há mar se usam as piscinas, para os exercícios de natção e nelas se banham aqueles que aneiam pelo exercício nesta época do ano, exercício que é quasi indispensável para a manutenção da saúde.

Em geral as piscinas são de água doce e não me consta que haja praia que tenha uma linda piscina ao ar livre, como as que conheço nalgumas praias francesas.

Em Biarritz, a alguns quilómetros, existe a linda piscina de Chambre d'Amour que na beira mar, oferece nessa aberta e linda costa, um refúgio para os nadadores, principiantes para as crianças que sem perigo, ali podem aprender a nadar, a brincar na água e ao sol.

Mas não é essa a mais linda piscina que me tem sido dado ver.

A Costa Azul esse encantador e paradisíaco recanto da terra, banhada pelo mais lindo mar, o Mediterraneo cujas águas parecem safiras líquidas, esse mar, que no verão é em geral tranqüilo, sem marés e que só o Mistral esse vento,

que de vez em quando varre toda a costa, purificando a atmosfera e tornando-a puríssima, é o ponto onde tenho visto as mais deslumbrantes piscinas, as mais elegantemente concorridas as mais graciosamente adornadas.

Parece talvez inexplicável que nesse mar tranqüilo, tão sereno e belo onde se pode brincar sem perigo, haja essa preferência pela piscina que só deve ser apreciada nas costas batidas por largas e fortes ondas, que ameaçam arrastar, para a morte os indefesos banhistas, que não sabem nadar ou que não têm forças para lutar.

Mas a criação das piscinas o seu embelezamento, tem uma explicação, as praias da Costa Azul com raríssimas excepções, sendo uma delas Juan-les-Pins, não possuem a areia doirada das nossas praias nem a areia prateada, que faz da costa de prata um encanto para os banhistas, essa costa que de Biarritz á Bretanha oferece praias como Cap Breton, Massegors, Areachou e La Rachelle.

A Costa Azul com as suas povoações deliciosas que de Cannes a Nentimiglia nos oferecem as mais deliciosas agrupadas de vivendas e jardins, em que as rosas mergulham as suas deslumbrantes flores nas águas cristalinas, dum tão puro azul, têm como solo o calhau rolado tão desagradável para os pés nus e tão contundente para os nadadores principiantes.

De aí nasceu a linda ideia das piscinas que se são todas bonitas podemos dizer, que as de Monte Carlo, são sem dúvida as mais bonitas e as mais elegantes.

Saint Romain, Palm Beach e Monte Carlo Beach, são três locais adoráveis para aqueles que amam a água, o sol e a luz.

A água límpida e cristalina sempre corrente, pondo de parte os escrúpulos que muitas pessoas sentem quando ouvem falar de piscinas e imaginam que elas são uns pequenos tanques, com água parada onde são e doentes mergulham em perigosa promiscuidade. Vastíssimas não nos dão esse aspecto de tanque.

A água que constantemente jorra em cascata transparente e pura mostra-nos como são descaídos esses escrúpulos e como não ha razão de existirem. Hoje falarei da mais bonita dessas piscinas a de Monte Carlo Beach.

Ali de manhã e á tarde retemperam os nervos aqueles que á noite se escangalham, nessa tortura angustiada do jogo, que faz do Casino de Monte Carlo um lugar afitivo, sendo um dos mais belos pontos do Universo, como beleza natural e cuidada com artistico gosto, pela mão do homem.

Dos terraços do Casino, sem igual em parte nenhuma disfruta-se a mais deslumbrante vista, ha uma paz nesses terraços, que uma orquestra de professores inunda de música, de tarde e á noite, paz que contrasta absolutamente com a febre dos jogadores, que nervosos se amontoam em volta das mesas da roleta, do bacará e da banca franceza.

Mas na piscina de Monte Carlo não são só os jogadores que retem-

peram o seu organismo sonhando com as combinações que eles supõem, os farão ganhar a essa traiçoeira roleta.

Estas fotografias evocam bem o encanto dessas piscinas de Monte Carlo tão bonitas tão elegantes, tão alegres na sua vida despreocupada, que nos fazem esquecer completamente os sombrios dramas, que se representam a tão pequena distância nos salões do Grande Casino, dramas que têm muita vez sangrentos epílogos, ou peor ainda; que terminam pelo sossobrar da razão dos infelizes que se deixam arrastar pela paixão funesta do jogo.

É um dos maiores contrastes nessa deliciosa e pacífica paisagem a agitação das paixões humanas e o seu triste desenrolar.

Mas nesse ambiente das piscinas que reflectem o azul sereno do céu nas suas águas dum intenso azul, onde se ouve a música cantante das águas que caem e o sol brilhante ilumina todo o recinto, duma pureza de ar perfeita e duma paz absoluta sentimo-nos longe, muito longe da ambição de dinheiro que torna os homens feios e esquecemo-nos que o mal existe.

Só a beleza, essa beleza saudável do ar livre irradia de toda a parte, tornando o local um hino á água, ao sol e á luz, que fortificam, tonificam e tornam com a beleza que rodeia, os cérebros mais susceptíveis de aprender o encanto da vida erguendo-se num agradecimento a Deus, que a fez tão bela, criando pontos da terra, que são deliciosos e onde os dias decorrem serenos e alegres.

Ao ar, ao sol e á luz não podem nem devem haver preocupações e só a felicidade se respira numa doce tranqüillidade de alma.

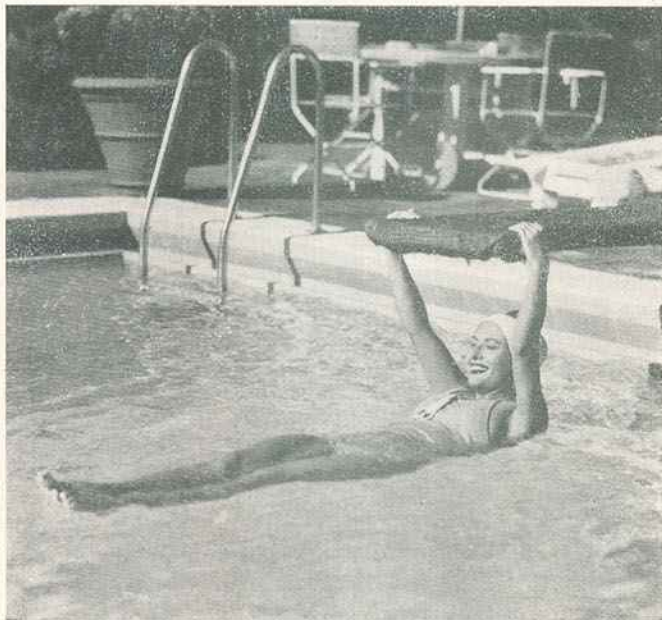
É certo que, pelo constante avançar do progresso, virá tempo em que não haverá um palmo de terra em que haja sossêgo.

O próprio deserto do Sahará passará a ser explorado de lés a lés, ostentando piscinas com todos os seus encantos e atractivos... Eis o que nos espera...

Quem subir, um dia, á serra da Arrábida, por exemplo, onde, em tempos idos, as almas se elevaram em êstasi, hoje, se fôr até lá, esbarrará a cada passo com selvagens embriagados que entenderam ir aproveitar aquelas boas sombras para devorar um farnel regado a litros de vinho. E, assim, esse local de recolhimento passou a ser uma sucursal de taberna.

Eis as maravilhas do progresso e o que espera os nossos filhos e os nossos netos...

✽MARIA DE EÇA.





das as que vêm as gravuras dessas festas não podem deixar de notar a diferença de aspecto da rainha.

A sua «toilette» na «garden-party» de Bagatelle toda em tãda branca, com uma jaqueta em «taffetas», e um enorme chapéu guarnecido a «taffetas», era um poema de bom gosto e simplicidade no lar.

Foi notado que Sua Magestade não apresenta um único vestido curto, o que vem demonstrar, que não é seguido cegamente a moda, que uma senhora se distingue pela sua elegância.

A indiscrição dum jornalista diz-nos que todas as suas «toilettes» foram acolhidas e bem-lindas pela Duquesa de Northumberland, que tem na corte o cargo de governante do guarda-roupa da rainha. E caso para decretar esta senhora o árbitro das elegâncias de toda a Europa, pois que propou a evidência o seu bom passo, o seu conhecimento das conveniências e da situação social da senhora; que está encarregada de vestir.

Pessoalmente a duquesa de Northumberland, que acompanha a rainha a Paris, é uma senhora elegantíssima, que veste com a maior distinção e que se faz notar em toda a parte onde aparece, e, sempre pela elegância discreta e pela correção das suas «toilettes» que nem sempre se impõem pelas extravagâncias que a moda lança, mas que se tornam a moda pela sua linha e bom gosto.

Isto é que deve fazer reflectir, quem se sujeita a tudo o que nos dizem ser moda, sem estudar o que é actualidade ou não, o que tem beleza e distinção ou aquilo que num palco está bem, mas nãa sala destes por completo.

A visita dos soberanos ingleses à capital da França, além do socoço que trouxe aos espíritos alborotados, que viam já sossobrar a França numa desgraçada politica internacional, teve a vantagem de mostrar às mulheres de todo o mundo, como uma senhora pode ser a mais elegante de todas, sem se cingir completamente à tirania duma moda a que falta por completo a distinção.

É um exemplo que deve ser seguido por todas as senhoras que não renunciaram à elegância, mas sabem adaptá-la à sua idade, à sua situação e à sua linha pessoal; que farão assim realçar completamente.

MARIA DE FÇA.

A MODA

Se bem que vá adiantada a época de verão, as elegantes querem sempre novidades e desejam variar as suas «toilettes» é pois necessário que se adaptem a esta época.

A moda das saias muito curtas que novamente reaparecem esta primavera é das mais traiçozebas para elegância e a beleza da mulher. Rara é aquela que possui unos pernis perfectos, que possa exhibir sem cair no ridiculo e, mesmo a que esteticamente é perfeita, perde melado do seu encanto e toda a sua distinção com um vestido e, cressivamente, os seus defeitos.

As senhoras europeias e as de todo o mundo receberam há pouco uma admirável lição de bem vestir, da rainha de Inglaterra, quando da sua visita a Paris.

A rainha ia ser o ponto de mira de todas as parisienses, críticas seguras em matéria de elegância e de «chics». Difícil situação para uma senhora, embora rainha e conhecida no seu país pelo seu gosto, lançando modas em Londres.

Mas Paris é Paris, o centro da elegância e do requinte na «toilette».

Certamente que a soberana se preocupa com o efeito que produziria perante o elemento feminino, porque a verdade é que a mulher, em geral, veste-se muito mais para desbançar uma rival em elegância, do que para agradar a um homem amado, e tem muito mais o juizo das outras mulheres, do que as apreciações dos homens.

Pois a rainha de Inglaterra obteve o mais completo successo, com a elegância das suas «toilettes», que não tem possivelmente em duma escrava da moda, e não se tornaram notadas pelas saias curtas, mas antes marcaram pela distinção senhoil que as distingue.

Todas as que assistiram ás maravilhosas festas com que Paris recebeu os soberanos ingleses são unânimes em declarar, que a rainha era a senhora mais bem vestida de todas. To-

PÁGINAS FEMININAS

sário, que estejam a par das elegâncias. Além disso estamos na época das festas ao ar livre, festas que não excluem a elegância antes pelo contrário, a exigem e de muito maior apuro.

As festas de verão exigem cores alegres no vestuário das senhoras e das meninas, pois são



elas como flores, que se destacam no fundo de verdura dos parques e jardins. Em Paris a cidade encantadora, repletam de elegantes os seus lindos restaurantes do Bois de Boulogne e as suas mais lindas mulheres apresentam os mais «chics» vestidos de que as nossas leitoras apreciarão a graça dum encanto bem parisiense e dum gosto de maior distinção.

«Garden-parties», regatas, concertos ao ar livre, realizam-se por toda a parte em terras e praias de toda a civilizada Europa. Entre nós, também nas praias e terras se realizam festas que rivalizam em elegância e beleza com as festas das melhores terras estrangeiras.

Nos nossos modelos que hoje apresentamos são para todas as eventualidades.

Em primeiro lugar um lindo vestido, para «garden-party», em gaze «imprimé» com o mais delicioso desenho em cores suaves e finas duma grande beleza. Dum corte muito simples que a riqueza do desenho justifica. Tem uma ampla saia. Completa a «toilette» uma linda «capeline» em palha branca guarnecida com uma fita em veludo preto e um ramo de frescas flores campestres. E fresca e bela esta «toilette» que foi vista numa «garden-party» de Londres, onde a elegância se manifesta.

Dois lindos outros modelos, um em seda «imprimé», fundo azul escuro e um desenho mel-

do em «beije» a forma da saia é lisa e uma casquinha muito justa com aba; aberta na frente tem umas largas bandas largas e elegantes, que vêm meter na parte que faz a aba.

Peitillo em orjandi. Grande chapéu em feltro azul-escuro guarnecido com uma pequena «ruche» na mesma seda do vestido. Luvas, car-



teira e sapatos em azul-escuro. É uma linda e elegante «toilette».

Acompanha-a outra mais «chic» ainda, vestido em malha de seda preta muito fina muito justo e muito simples, aberto na frente, fecho com um fecho «clair» que uma linda guarnição em «galite» branca remata.

Sobre o vestido, um casaco em seda preta todo bordado a branco dum efeito surpreendente e duma elegância perfeita e do melhor tom, como chapéu, um elegante tricornio em feltro branco guarnecido com fita «gras-grains» preta e um véu artisticamente posto, luvas e sapatos pretos. «Toilettes» para corridas, almoço ou qualquer festa em Casino.

Para de manhã, vestido em linho côr de rosa, com saia e casaco dum corte elegantíssimo, este fecho pode também ser aproveitado em qualquer tecido de lã e faz um lindo vestido de outono. Grande chapéu de palha e sapatos de praia em preto e branco.

Para a tarde, vestido em lã cinzento claro, lã de fantasia. A saia direita tem ao lado uma pregã para dar rodeo, bolcôo muito simples sobre uma blusa em setim preto «lire»; a blusa crua atrás e sta na frente com uma grande laçada na cintura e outra no pescoço. Chapéu em palha cinzenta com fita de veludo preto e ramo de rosas em vários tons rosa. Luvas pretas.

Os chapéus são a garantia da elegância feminina e a mulher «chic» já usa chapéus em feltro, veludo ou «panne». Damos um lindo modelo em «panne» preto, copa direita sobre uma aba vi-

rada que atrás, muito alta, forma, «cache-peigne», é guarnecido por um véu que cobre o rosto e atrás guarnece com elegância o chapéu.

As blusas continuam a ter um verdadeiro successo que o uso do «tailleur» justifica, pois um vestido «tailleur» não está completo, sem uma bonita blusa dentro do casaco.

Damos um modelo duma blusa em seda branca, duma grande simplicidade e que vai bem com qualquer vestido. Tem a clássica forma de «chemisette» e com a frente toda em preguinhas, fechando com bonitos botões e uma laçada elegante na gola que lhe dá um belo aspecto.

É elegante, linda e muito prática.

A VERDADEIRA ELEGÂNCIA

André de Fauquière o árbitro das elegâncias parisienses, escreveu há pouco numa revista da especialidade, um artigo, que devia ser lido por todas as senhoras.

André de Fauquière é uma verdadeira autoridade em elegância senhoil, a elegância distinta, que torna inegaláveis as parisienses da sociedade distinta, e, que não é positivamente a mesma elegância das «midinettes», das frequentadoras de «cabarets», que em geral é a elegância que se permittem evitar ao «pésage» grande capital conferem, e, que proclamam ser a elegância francesa e que aqueles que vivem ou que nas suas passagens por Paris convivem com um certo meio, sabem bem que é uma elegância de terceira ordem.

Referindo-se ás corridas de Auteuil e Longchamps onde se lança a moda, diz o seguinte: «As reuniões de Auteuil e Longchamps nada perderam do seu prestigio e os costureiros dignos dêsse nome enviaram ao «pésage» as mais lindas mulheres vestindo as suas últimas creações.

E porém para lamentar o espectáculo de alguns modelos verdadeiramente extravagantes. Nem são francesas nem parisienses, êsses costureiros que se permittem evitar ao «pésage» manequins mascarados, envergando vestidos de pior gosto. E é isso que alguns fotografos apanham e enviam ás extremidades do mundo, como representativo da elegância e da costura parisiense. Lamentável propaganda que faz um sério prejuizo aos grandes costuriers, que êles continuam e levantam com uma arte consummada o nome do nosso país.»

André de Fauquière tem carradas de razão, e é contra essa elegância de contrabando que todos os que conhecem a verdadeira elegância francesa, toda feita de distinção e graça, se devem levantar e precaver aqueles que apenas conhecem a elegância de pacotilha e a tomam como boa. Nem tudo o que vem de Paris é francês; a cidade cosmopolita vè invadidos os seus centros comerciais por gente nem sempre escrupulosa, que com o seu mau gosto lançam modas deploráveis, e, há sempre quem tome por bom tudo o que vem de Paris sem lhe conhecer a verdadeira origem.

O NUDISMO

CLÉMENT VAILLE, o delicioso humorista que tem de delicioso as que apreciam romances cômicos,



cos, com os seus livros, escreveu a propósito do nudismo algumas linhas que demonstram a grande observação que o caracterisa. Falando da praia de Deauville diz o seguinte: «No seu sermão dominical o cura de Deauville devia renunciar aos seus véus e mesmo perigosos requisitos contra o «nu» satânico; e dizer antes isto: Minhas filhas fazem muito mal de se despir assim publicamente, vós vos despoztisais o que é estúpido e também vos desvalorisais o que é idiota. Santo António resistiu ao maligno porque lhe enviou diabas tão vestidas, ou talvez um pouco menos, do que vós andais na praia.

Este espectáculo não perturba o santo que se dizia e si próprio: o que, é isto? o para resistir a um ataque tão pouco inteligente não precisou dum grande esforço. Minhas filhas meditem esta história e vistam-se como loas cristãs. Esta argumentação faria muito mais efeito porque na verdade o nudismo é pretencioso e ridiculo, e, raríssimos são os corpos harmoniosos que têm o direito de se mostrar em publico.

Esta opinião do grande crítico deve ser meditada e êle não pode nunca ser acusado de reaccionário e pouco moderno.

HIGIENE E BELEZA

A beleza adquire-se muito mais pelos meios naturais do que pelos meios artificiais da pintura e da «maquillage». A gímnastica, os banhos de sol, a alimentação sã e bem ordenada, a vida ao ar livre contribuem com muita efficácia para a beleza do que os crèmes e as pinturas. A beleza para ser real tem de ter um aspecto de saúde.

Banhos de sol todas podem fazer, pois não é necessário estar na praia para isso. Mesmo dentro de casa, num quarto que receba sol e resguardado de vizinhança, se pode fazer êsse benéfico tratamento.

O que é preciso é fazê-lo com cuidado, a janela toda aberta e o sol batendo directamente na pele, começa-se por um minuto e nunca se deve ir além de vinte minutos.

Deve haver o maior cuidado em evitar correntes de ar em seguida ao banho de sol que se deve fazer sempre resguardando a cabeça com um chapéu de palha ou um guarda-sol. Nestes meses em que isso se torna possível deve estar-se sempre ao ar.

DE MULHER PARA MULHER

Marieta: — Parabéns à feliz noivinha, que certamente encontrará a felicidade, visto que assenta em tão seguras bases, mas é preciso pensar bem, que a vida mais feliz tem horas más e lembrai-se que quem casa, une a sua vida para as alegrias e para as tristezas, desajando-lhe que estas não a apoquentem.

PIMIDE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. R.
Copas — — — —
Ouros — 9, 5
Paus — A. D. 6

Espadas — 7, 5 **N** Espadas — 4
Copas — A. D. **E** Copas — 8
Ouros — 4 **O** Ouros — V. 7
Paus — 4, 3 **S** Paus — R. V. 2

Espadas — 10, 9, 8
Copas — 4, 3
Ouros — D. 8
Paus — — — —

Trunfo é ouros. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 9 *p.*, **N** — V. *c.*

N joga A. *c.*

N joga 6 *c.*

S joga A. *c.* e 8 *c.*, baldando-se **N** a V. *c.* e 10 *c.*, e **E** a qualquer carta.

Consoante as baldas de **E** assim **S** jogará, cumprindo.

Queremos saber

Se 5 bois ou 7 cavalos comem a herva dum campo em 87 dias, quanto tempo levarão 2 bois e 3 cavalos a comer a mesma herva.

Somas múltiplas

(Solução)

41	+	59	=	100
58	+	42	=	100
43	+	57	=	100
56	+	44	=	100
54	+	46	=	100
47	+	53	=	100
52	+	48	=	100
49	+	51	=	100
400	+	400	=	800

Rara coincidência

Aos setenta e quatro anos faleceu, numa povoação de Inglaterra, um individuo que tinha o costume de guardar sempre o relógio debaixo da almofada. O relógio parou no momento exacto em que o seu dono deixou de existir.

Na Turquia pode, cada um, pintar a sua casa da cor que quizer, excepto de verde por ser a cor do Islam dos hadjis e dos descendentes do Profeta.

Terrível surpresa

Uma camponesa da Jugo-Eslávia, tendo de ir trabalhar para a horta deixou em casa um filho de 3 anos ao lado do qual pôs uma tijela com leite e uma colher.

Quando regressou, ficou apavorada ao ver uma grande víbora a beber o leite destinado ao pequenito, enquanto este, que parecia muito satisfeito com a visita, brincava com a cobra, dando-lhe pancadinhas com a colher. A mulher e umas visinhas que acorreram ao seu chamamento, não sabiam, aflitas, o que haviam de fazer, pois receavam enfurecer a víbora e que esta mordesse a criança. Porém logo que se viu saciada de leite, a víbora passou ao lado do pequerrucho sem lhe fazer mal e foi-se esconder no mato.

As mulheres ao volante

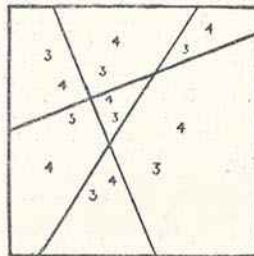
Eis uma indicação curiosa, que pode servir para os serviços estatísticos.

Um médico parisiense fez as seguintes observações:

As mulheres morenas guiam um automóvel com perfeição, as ruivas menos bem, mas as loiras são muito desastradas e distraídas.

Sete vezes sete

(Solução)



Eis o quadrado dividido em sete partes, sendo sempre sete a soma dos algarismos que, em cada uma dessas partes, se encontram.

Na ilha de Man, nos mares da Irlanda, há uma raça de gatos que principalmente se caracteriza por não terem cauda. Estes gatos parecem oriundos do Extremo Oriente, da China, ou do Japão, conclusão a que se é levado porque em várias pinturas antigas destes países se vêem gatos sem cauda.

Na Malasia há também um raça de gatos que tem a cauda muito curta.

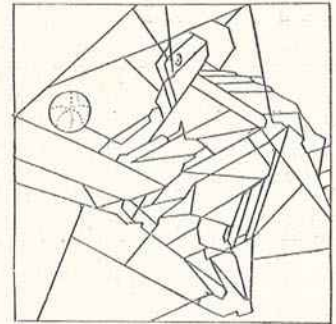
Os gatos da ilha de Man têm-se espalhado sobretudo em Inglaterra. São muito domésticos, afeiçoam-se muito aos donos e tornam-se grandes caçadores de ratos.

A configuração do corpo também varia um tanto do gato vulgar; são um pouco mais pequenos, de tronco muito mais curto, pernas altas e fortes muito maiores que os braços, e que obriga estes gatos a caminharem como o coelho.

Lucrécio, (*De natura rerum*) afirma que as primeiras armas foram as mãos, as unhas, e os dentes; depois as pedras e os ramos arrancados às árvores das florestas. Só mais tarde, quando se descobriram as propriedades do ferro é que o homem abandonou as armas da barbarie primitiva. O desarmamento integral: enquanto houver um galho de árvore ou unhas afiadas, a humanidade está armada para a luta.

Desenho cúbico

(Passatempo)



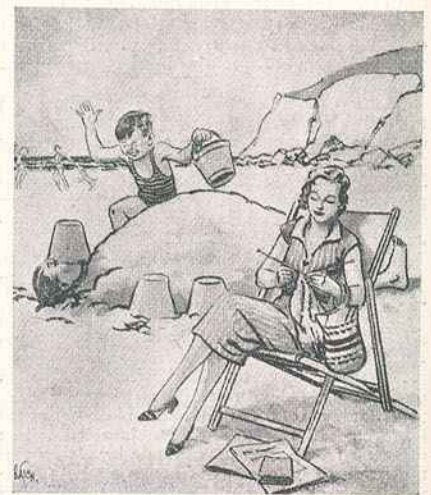
Escurecendo com o lápis certas porções circundantes do desenho, vê-se-há aparecer a figura de um jogador de «foot-ball».

O veneno das abelhas é um remédio contra o reumatismo. Com injeções de abelhas dois médicos franceses conseguiram excelentes resultados em casos de reumatismo crónico. Graças ao extrato do veneno das abelhas, essa terapêutica pôde ser generalizada.

Os apicultores perseguem os vagalumes, cujas larvas destroem as colmeias. Mas nos laboratórios esses coleópteros vivem bem alimentados e aquecidos em aparelhos incubadores. E' que esse insecto possui uma propriedade notável: pode receber bacilos da tuberculose em número suficiente para matar uma dezena de porcos da Índia; seu corpo segrega uma substância que mata os bacilos instantaneamente.

Na extinta diocese de Elvas, cada capitular da Sé recebia, em conseqüência de um legado feito ao Cabido quatro mil réis para comprar uma marrã (porca) com obrigação de cantar, depois da missa da meia noite, uma *antifona* que por essa razão se chamava a *antifona da marrã*.

Os médicos da antiguidade atribuíam à alface propriedades calmantes e emolientes; consideravam-na a melhor das saladas. Era por isso que os romanos terminavam sempre as ceias comendo uma salada de alface, para os predispor a um bom sono.



Ela (distráida, sem dar fé do que se está passando): — Até que enfim, que o Carlos de'xou de ressonar! Crédo! Ainda bem.

(Do «The Humorist»)

A SAÍR BREVEMENTE O ALMANAQUE BERTRAND

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

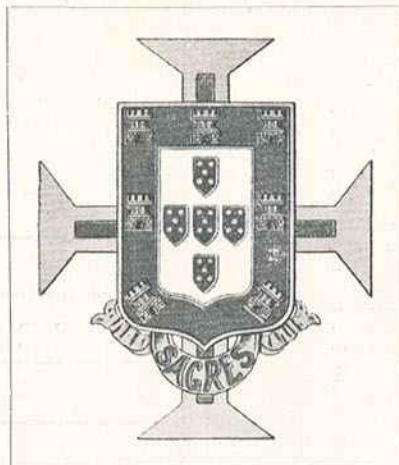
Seguros Acidentes de
Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em tódas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00 10\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00 8\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	1\$50
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSAO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	8\$00
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00 10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLITICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	1\$50 8\$00 3\$00 8\$00 2\$00 3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00 4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00 6\$00 8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 12\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema, — novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América, — contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos, segundo a importância
da compra, sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
551 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

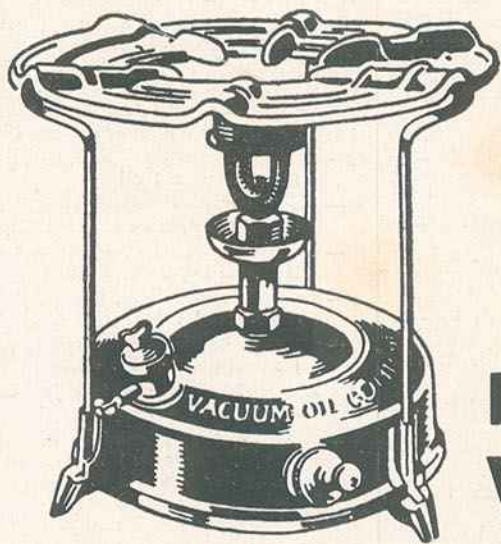
Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.^a parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5 — 2.^a parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.^a parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.^a parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.^a parte — *Oceano Pacifico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.^a parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.^a parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.^a parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.^a parte — *O abandonado*. 1 vol.
- 16 — 3.^a parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.^a parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.^a parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.^a parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.^a parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.^a parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.^a parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.^a parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.^a parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.^a parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.^a parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.^a parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.^a parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.^a parte — *De Constantinopla a Scutari*. 1 vol.
- 44 — 2.^a parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrêla do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.^a parte — *O pombo correio*. 1 vol.
- 48 — 2.^a parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49 — 3.^a parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.^a parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
- 54 — 2.^a parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.^a parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
- 57 — 2.^a parte — *A colônia infantil*. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.^a parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.^a parte — *O padre Johann*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.^a parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.^a parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.^a parte — *A' procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64 — 2.^a parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Héliçe, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.^a parte — *A cidade dos bilhões*. 1 vol.
- 68 — 2.^a parte — *Distúrbios no Pacifico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gelos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.^a parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71 — 2.^a parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.^a parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
- 74 — 2.^a parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.a**, 1.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.a**, 2.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA



SÓ SÃO FOGAREIROS VACUUM AQUELES
QUE TRAZEM GRAVADA A MARCA "VACUUM"

Por maior que seja a sua bagagem, há sempre um lugar para o Fogareiro Vacuum, companheiro fiel, seguro, portátil e, sobretudo, económico.

Na sua casa da cidade, o Fogareiro Vacuum é um auxiliar de inestimável valor; na sua casa de campo, é um utensílio indispensável. Quanto a economia — tôdas as donas de casa o sabem — não consome mais de 1,5 decilitro de petróleo por hora.

FOGAREIROS VACUUM

Usar sempre Petróleo Vacuum